Edward Robinson

LÉXICO GREGO DO NOVO TESTAMENTO

Tradução
Paulo Sérgio Gomes



A missão primordial e intransferível da CPAD é *proclamar*, por meio da página impressa, o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo no Brasil e no exterior; *edificar* a Igreja de Cristo por intermédio de literaturas ortodoxas, que auxiliem os obreiros cristãos no desenvolvimento de suas múltiplas tarefas no Reino de Deus; e *educar* a sociedade e a Igreja através da Escola Dominical, que evangeliza enquanto ensina. Nosso maior presente é pensar no futuro.

LÉXICO GREGO DO NOVO TESTAMENTO

Traduzido do original *A Greek and English Lexicon of the New Testament*.

Edição em língua portuguesa © 2012 por Casa Publicadora das Assembleias de Deus.
Todos os direitos reservados.

Robinson, Edward.
Léxico Grego do Novo Testamento. Tradução Paulo Sérgio Gomes. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

1.032 p.; 15,5 x 22,7 cm.

Título original: *A Greek and English Lexicon of the New Testament*.

ISBN 978-85-263-0353-8.

1. Bíblia. Novo Testamento – Dicionários. 2. Bíblia. Novo Testamento – Estudos. I. Título.

CDD 225.03

Presidente da CGADB	José Wellington Bezerra da Costa
Presidente Cons. Adm. CPAD	José Wellington da Costa Júnior
Diretor Executivo	Ronaldo Rodrigues de Souza
Gerência de Publicações	Claudionor de Andrade
Tradução	Paulo Sérgio Gomes
Coordenação editorial	Anderson Grangeão da Costa
Revisão	Tatiana da Costa
	Caroline Tuler
Gerência de Comunicação	Rodrigo Sobral Fernandes
Projeto gráfico	Wagner Leonardo Francia e Fábio Longo
Editoração e capa	Fábio Longo
Impressão	CPAD (set./2012); tiragem: 5.000

CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS
Avenida Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – Caixa Postal 331, CEP 21.852-001
SAC (Serviço de Atendimento ao Cliente): 0800-021-7373

APRESENTAÇÃO

O *Léxico Grego do Novo Testamento*, de Edward Robinson, em edição revisada, é uma das obras mais completas produzidas desde o século XIX no campo da filologia bíblica. Nele, Robinson assume a tarefa e o método propostos pela filologia geral, mas focalizando e demarcando como área de trabalho o texto do Novo Testamento. Seguindo a metodologia lexicográfica mais aprimorada de sua época, ele vai além da elaboração de uma tábua de definições das palavras; registra o desenvolvimento histórico delas, desde suas origens até o quadro atual de suas acepções e aplicações. Por isso, são comuns as referências a fontes de períodos diversos da língua grega: escritos clássicos, escritos gregos tardios, escritos judaico-helenísticos, escritos de Pais da igreja. Essas referências fornecem a base para a discussão dos múltiplos sentidos e usos das palavras que ocorrem no texto bíblico. Também é peculiar a conexão estabelecida entre o texto do Novo Testamento e as contribuições dadas pela herança hebraica de seus escritores, o que se percebe pelas muitíssimas anotações de palavras e expressões hebraicas correspondentes ao grego. Quanto à especificação e delimitação bíblicas, seu trabalho segue a linha de uma série de obras de referência na área da filologia sagrada, como a chave filológica grega de Wahl, os léxicos gregos de Passow e de Liddel e Scott, e o léxico hebraico de Gesenius.

O léxico grego de Robinson caracteriza-se por profundidade na matéria e objetividade no estilo. Profundidade, por causa do estudo exaustivo dos usos das palavras em quase todos os seus empregos no texto do Novo Testamento, juntamente com sua comparação com fontes extrabíblicas, visando ao suporte documental das definições relacionadas. Objetividade, por causa da apresentação formal sintética dos materiais dos verbetes e da economia de elementos gráficos ordinários.

A estrutura do léxico segue os padrões formais de seu gênero. Os verbetes são organizados segundo a ordem do alfabeto grego. Suas entradas obedecem, geralmente, aos parâmetros seguintes: verbos, na 1.ª pessoa do presente do indicativo (em muitos casos, seguidos da terminação do tempo futuro); substantivos, no caso nominativo, seguido do genitivo, seguido do artigo; adjetivos, em nominativo masculino, feminino e neutro, ou em nominativo masc.-fem., seguido de genitivo e artigo; as entradas de pronomes e numerais variam conforme o caso (em nominativo e genitivo, ou nos gêneros do nominativo); as demais classes aparecem em sua forma primária. Muitos verbetes são seguidos de sua palavra primitiva e

composição, entre parêntesis; e alguns, de sua forma variante. A exemplo desses modelos, o verbo ἀγαθοεργέω é introduzido em suas formas da 1.ª pessoa do presente (ἀγαθοεργέω, ω); seguem-se a desinência do futuro (ήσω) e suas palavras primitivas (ἀγαθός + ἔργον). O verbo ἐξελέγχω é seguido da desinência do futuro (ξω) e de sua formação (ἐκ + verbo primitivo ἐλέγχω). O verbo διαλλάσσω é seguido de sua variante (-ττω), da desinência do futuro (ξω) e de sua palavra primitiva (ἀλλάσσω). O substantivo ἄβυσσος é introduzido em sua forma do nominativo; seguem-se a terminação do genitivo (ου), seu artigo respectivo (ἡ) e sua composição (α + βύθος ou βύσσος). O substantivo αἰών, introduzido pelo nominativo, é seguido da forma do genitivo (ῶνος) e dos artigos (ὁ, ἡ poético); nesse caso, sua origem é ligada a duas palavras relacionadas a ele (ἀεί, ἄω). O adjetivo γραπτός é introduzido em nominativo masculino, feminino e neutro (γραπτός, ή, όν), seguido de sua palavra primitiva (γράφω). Por sua vez, o adjetivo βασίλειος, após o nominativo masc.-fem., traz a forma do genitivo (ου) e seus artigos (ὁ, ἡ), e então sua palavra primitiva (βασιλεύς). Em alguns casos, acompanham os verbetes formas obsoletas ou formas clássicas, como no verbete γίνομαι (obsoleta: γένω; ática: γίγνομαι). Numerações em verbetes indicam diferença de classe gramatical ou campo semântico, como em δοῦλος[1] e [2] (adjetivo e substantivo, respectivamente).

A matéria dos verbetes concentra-se em partes específicas de conteúdo, como se segue: 1. Entrada de verbete: com dados da gramática grega (variantes; casos, tempos verbais, determinantes de gênero, formas primitivas, obsoletas, clássicas). 2. Acepções: discriminação das definições das palavras e de suas possibilidades de sentido em construções linguísticas mais amplas. Segundo sua extensão, o material subdivide-se em vários níveis, como, por exemplo: I, A ou 1, a, aa ou α, αα. 3. Referências: fontes de comprovação ou exemplificação de empregos, definições e construções gregas relacionados às palavras. As referências ao Novo Testamento visam a estabelecer os múltiplos empregos e conexões das palavras nele; as referências a equivalentes hebraicos do Antigo Testamento grego (LXX) e obras de autores clássicos e helenísticos destinam-se especialmente ao apoio de definições de palavras e à comparação com as ocorrências delas no Novo Testamento. A essas referências, juntam-se as indicações de obras técnicas como fundamentação para as discussões precedentes. 4. Remissões: forma de encaminhamento para outros materiais da pesquisa, dentro do próprio léxico, entre verbetes, ou em obras externas (assinalados com *vide*, q.v., s.v.). Marca os verbetes certa escassez de sinais gráficos formais; o texto conforma-se às exigências de concisão, utilizando-se dos recursos de redução de termos gramaticais e de abreviações de nomes de autores e obras. Assim, como exemplo, o verbete βαπτίζω é acompanhado de uma ampla explicação de seus significados originais, com base em fontes gregas (Políbio, Epicteto, Diodoro Siculus, Estrabo, Plutarco) e judaicas (Josefo); seguem-se então as acepções no Novo Testamento, que se desdobram em dois pontos (1. e 2.); em cada ponto, vêm a discriminação das acepções, especificações gramaticais, ocorrências e conexões do termo em textos neotestamentários, comparações com textos da Septuaginta e autores gregos, remissões.

O léxico também supre o leitor com a indicação bibliográfica das principais obras de referência consultadas e com as reduções mais frequentemente utilizadas nos verbetes. Dessa forma, a obra representa, ao mesmo tempo, uma fonte profunda de dados sobre o grego bíblico e um rico indicador para a ampliação de pesquisas.

Os editores.

PREFÁCIO

O esforço anterior do autor no departamento de lexicografia do Novo Testamento foi uma tradução da primeira edição de *Clavis Philologica Novi Testamenti*, de Wahl, com algumas adições, publicada em 1825. Esta obra foi seguida, em 1836, por seu próprio *Greek and English Lexicon of the New Testament*, em cuja preparação foram gastos vários anos de trabalho diligente. Quaisquer deficiências que possam ter existido nessa última obra, parece que ela chegou a atender e suprir, se bem que imperfeitamente, uma carência na literatura teológica da época, tal como evidenciado por sua rápida republicação na Grã-Bretanha, em três edições concorrentes, e pela subsequente aparição de duas condensações.

Quando chegou a ocasião, três anos atrás, de preparar uma nova edição desse léxico, embora não desejasse evitar qualquer trabalho necessário, ainda esperava que a tarefa viesse a ser comparativamente leve. O progresso da ciência neste departamento, como em outros, de fato não se interrompeu em seu avanço. Wahl e Bretschneider tinham publicado novas e corrigidas edições de seus léxicos, e Winer havia revisado e aumentado sua gramática; enquanto isso, os labores e melhoramentos de Passow tinham sido levados adiante, após seu falecimento, por sucessores capazes, e os resultados mais extensivos espalharam-se perante o público inglês no valiosíssimo léxico de Liddel e Scott. Além disso, surgiram ainda os comentários de De Wette e de Meyer sobre o Novo Testamento, para não mencionar muitos outros. Meus próprios encargos oficiais também me levaram, durante a maior parte do decênio precedente, à interpretação diária do Novo Testamento diante de grandes classes de jovens, no preparo para o ministério do evangelho; e, nessa mesma ocasião, visitei e explorei parcialmente a Terra Santa. Sob essas circunstâncias, não é de surpreender que, ao sentar-me para trabalhar na revisão, achei que muitas partes de meu trabalho anterior, especialmente do mais antigo, estavam menos satisfatórias do que esperava. O resultado foi que grande parte do trabalho exigia, segundo meu julgamento, ser reescrito; e assim foi reescrito, sem consideração de tempo e labor. As partes remanescentes foram completamente revisadas e receberam muitas adições, correções e encurtamentos. Em sua forma atual, a obra pode firmar-se como um modesto memorial do progresso e condição da interpretação e lexicografia do Novo Testamento, no final da primeira metade do século XIX.

PREFÁCIO

Um léxico completo e científico de qualquer língua abarca um amplo campo de pesquisa. O erudito que deseja estudar uma língua de maneira crítica e filológica não descansa até que tenha seguido a trajetória de uma palavra até sua origem; investigado sua forma primitiva e significação; observado as várias formas e sentidos que ela adquiriu em diferentes épocas e dialetos da língua, e a maneira e ordem em que tudo isso é deduzido da primitiva e de cada uma das demais; e, por último, embora não o menos importante, observado as relações que ela mantém com outras palavras, em construções e frases, e as várias modificações que sofreu nesses aspectos. Quando todos esses pontos estiverem adequadamente averiguados e ordenados em sua própria mente, só então é que ele possui o domínio da palavra em questão; e a transcrição da visão assim obtida, com as comprovações necessárias, constitui a verdadeira lexicografia da palavra. Isso é justamente denominado o método *histórico-lógico* de lexicografia, que surgiu a partir do progresso geral da filologia no decurso do presente século e tem por alvo apresentar uma visão lógica e histórica de cada palavra em todas as suas variedades de significação e construção. O primeiro exemplo desse método foi oferecido por Gesenius, em seu léxico hebraico, e foi seguido, de maneira competente, por Passow, em seu léxico da língua grega.

Essas observações repousam na suposição de que uma língua é, em si mesma, primitiva e independente de qualquer outra, e de que suas palavras podem ser, por essa razão, seguidas em sua trajetória até suas raízes elementares dentro da própria língua. De fato, em geral, isso é presumido com relação à língua grega; e o léxico de Passow foi originalmente construído sobre esse princípio. Mas, com respeito à nossa e muitas outras línguas, obviamente essa não é a realidade. A ciência da filologia comparada, que surgiu em nossos dias, nos ensinou que tanto o grego quanto o latim são, de maneira semelhante, apenas membros de uma grande família de línguas que, descendendo aparentemente das montanhas da Índia, se espalharam para a Ásia do Sul e Ocidental e por toda a Europa, retendo, sob cada diversidade de clima e circunstância, afinidades óbvias tais, a ponto de oferecer evidência inegável de uma origem comum. Essas línguas indo-europeias, como são chamadas, incluem o sânscrito, o persa, o grego, o latim, o gótico, o alemão, o inglês e os outros dialetos do teutônico, e ainda, de maneira estrita, também os das raças eslava e celta. As línguas semíticas formam uma família distinta, se bem que, em seus elementos primários, aparentadas às primeiras em um grau maior do que costumeiramente suposto. Aqui também a primeira tentativa científica de marcar essas coincidências como parte da lexicografia foi feita por Gesenius, em seu manual latino de 1833; mas talvez não estejamos distante do tempo em que cada léxico de grego ou latim, ou, na verdade, de qualquer língua ocidental, será considerado incompleto, caso deixe de observar essas afinidades notáveis.

Com relação ao grego, deve-se ter em mente que há três grandes épocas que marcam o progresso da língua; e, ao longo de todas elas, ou de algumas, os diferentes significados e usos de uma palavra podem ser seguidos com precisão maior ou menor. Essas épocas são: sua juventude, nos poemas heroicos ou épicos de Homero e Hesíodo, aos quais se pode juntar a prosa jônica de Heródoto; seu apogeu, nos dias florescentes da elegância e pureza áticas, conforme exibidas nas grandes tragédias e na prosa de Tucídides, Xenofonte, Platão; e seu declínio, após a conquista macedônica e, ainda mais tarde, sob o domínio romano. Nesse último período, a desintegração dos vários estados independentes, a mistura de exércitos de soldados recrutados de todas as partes e a fundação de colônias e de grandes cidades habitadas por pessoas de todas as regiões da Grécia, como também de terras estranhas, não podiam deixar de produzir grandes mudanças na linguagem de diferentes comunidades; isso,

não se encontra aqui tão fortemente marcado quanto na Septuaginta. Ele muitas vezes se encontra na mudança do pensamento, ou no pensamento em si, antes que na expressão. Mesmo onde a expressão é moldada segundo o hebraico, esse elemento é visto mais na construção e na conexão de palavras em expressões e sentenças do que na influência sobre o seu significado intrínseco. Qualquer um que tenha aprendido a falar uma língua estrangeira, ou que tenha observado atentamente o discurso de estrangeiros quando se expressam em nossa própria língua, terá prontamente percebido que o significado das palavras é, em geral, muito mais facilmente apreendido e corretamente aplicado do que as formas e a construção e conexão apropriadas delas. Dessa forma, talvez nada conceda mais aos Evangelhos o ar das narrativas hebraicas do Antigo Testamento do que o uso frequente da partícula καί como um conectivo, correspondente ao uso hebraico da partícula *vav* (וְ). De hebraísmos desse tipo, os escritos de Paulo estão comparativamente livres, visto que, desde seu nascimento e residência no meio das escolas gregas de Tarso, ele provavelmente adquiriu um conhecimento mais acurado da língua grega do que seria costumeiro aos hebreus da Palestina; se bem que o curso de sua educação e o caráter de sua erudição não era grego, mas totalmente judaico.

Além disso, os escritores do Novo Testamento aplicaram o grego a assuntos sobre os quais essa língua nunca tinha sido empregada por escritores gregos nativos. Nenhum grego nativo jamais escrevera sobre questões judaicas, nem sobre teologia e rituais judaicos. Por essa razão, os Setenta, em sua tradução, muitas vezes tiveram de empregar palavras gregas como símbolos de coisas e ideias que, até aqui, tinham sido expressas unicamente em hebraico. Em tais casos, eles só podiam escolher aquelas palavras gregas que correspondiam mais de perto ao hebraico, deixando que a nuança diferente ou a intensidade de significação fossem captadas pelo leitor a partir do contexto. Consequentemente, para expressar a idéia da palavra hebraica שָׁלוֹם como palavra de saudação ou de despedida, eles empregavam a palavra grega εἰρήνη, assim como usamos a palavra *paz* da mesma maneira e pelo mesmo motivo. Do mesmo modo, é εὐλογέω para o hebraico בָּרַךְ *abençoar*; em autores gregos, apenas *falar bem de*. Até este ponto, o caminho de fato já estava aberto para os escritores do Novo Testamento. Mas, além deste ponto, eles haveriam de ser os instrumentos para dar a conhecer uma nova revelação, uma nova dispensação de misericórdia para com a humanidade. Aqui estava aberto um círculo amplo de novas ideias e novas doutrinas a serem desenvolvidas, para as quais toda a linguagem humana ainda era muito pobre; e essa pobreza tinha de ser superada, tal como atualmente na descoberta e desenvolvimento de uma nova ciência, principalmente pela ampliação do significado e aplicação de palavras já em uso, antes que pela formação de novas palavras. Um exemplo disso no Novo Testamento é, em especial, a palavra πίστις, à qual se pode adicionar δικαιοσύνη, δικαιοῦσθαι, ἐκλογή, ἀπόστολος, e muitas outras.

O Novo Testamento então foi escrito por hebreus, almejando expressar, em língua grega, pensamentos, concepções e sentimentos hebraicos. O idioma deles, consequentemente, na alma e no espírito, é hebraico; em sua forma externa, é grego, e essa forma é mais ou menos pura, conforme as facilidades que um escritor individual pudesse ter possuído para adquirir fluência e precisão de expressão nessa língua.

Segue-se, a partir de todas essas considerações, que, na construção de um léxico do Novo Testamento, deveria ser uma questão de importância notória exibir cada palavra em seu verdadeiro caráter e relações, como parte componente da língua grega; em comparação, por um lado, com o idioma helenístico e, por outro, com o uso dos escritores clássicos. É justamente aqui que Wahl talvez tenha errado, ao fazer referência demasiadamente exclusiva aos últimos; e Bretschneider, ao extrair suas ilustrações principalmente do primeiro. Na presente obra,

esforcei-me para seguir um curso intermediário, e para apresentar uma comparação com ambos os lados, dando, sempre que possível, uma ou mais referências à Septuaginta, ou, em sua falta, a Josefo; pelo menos uma (e geralmente mais que uma) referência aos escritores gregos tardios; e uma referência ao ático, representado por Xenofonte, Platão ou Tucídides. Onde falta uma referência em qualquer uma dessas três classes, exceto sob palavras bem conhecidas e de ocorrência frequente, pode-se presumir que, até o momento, nenhuma palavra tal foi encontrada. Muitas novas referências foram adicionadas onde nenhuma havia ainda, extraídas especialmente dos escritos de Plutarco e Platão. Na verdade, essa comparação de palavras usadas no Novo Testamento com seu uso nos escritores clássicos custou mais tempo e labor do que qualquer outra parte do trabalho.

Que o estudante não fique alarmado frente à abundância notória de tais referências, nem pense que todas elas são inúteis. Elas foram adicionadas não somente, nem principalmente, para elucidar o significado de uma palavra, mas para mostrar seu peso e posição na língua grega. Servem para mostrar a relação de cada palavra com a Septuaginta e os escritos judaicos, e também com o grego posterior e o ático; e se ela é comum a todos ou a algum deles, ou se não é encontrada em qualquer deles. Desse modo, elas possuem uma importante relevância para a questão, longamente disputada, da pureza do idioma do Novo Testamento, e ajudam na determinação de seu verdadeiro caráter.

As observações precedentes apresentam uma visão resumida dos princípios que guiaram o autor na preparação do presente volume. O grego do Novo Testamento constitui somente uma pequena porção da língua grega como um todo, e um léxico dela pode apenas almejar oferecer uma exposição justa de uma das formas ou fases subordinadas dessa rica e nobre língua. De tal obra, o que vem a seguir, pelo que parece, deveria ser algumas das peculiaridades principais; e elas têm se tornado, consequentemente, importantes objetos de atenção.

1. A etimologia de cada palavra é dada na medida em que sua relação diz respeito ao grego, ao hebraico, ou ocasionalmente ao latim[1]. Uma comparação geral das afinidades entre o grego e outras línguas pertence unicamente a um léxico geral da língua em questão.

2. A completa visão *histórica* de uma palavra está aqui fora de questão. Isso, porque temos de tratar rigorosamente apenas daqueles significados e construções que são encontrados no próprio Novo Testamento. No entanto, o método *lógico* é ainda aplicável em sua plena força. Isso consiste em atribuir primeiro a cada palavra seu significado primário, quer seja encontrado no Novo Testamento ou não; e então dele se deduz, em ordem lógica (não histórica), todos os significados que ocorrem no Novo Testamento; mas não outros, a não ser quando forem necessários para ilustrar os primeiros[2]. Em relação a isso, em toda a parte, foi feita a tentativa de discriminar os significados intrínsecos de uma palavra daqueles sentidos em que ela pode ter sido empregada mediante a força de adjuntos. Ao relacionar esses últimos sentidos às suas cabeças apropriadas, a multiplicidade de significados dados por lexicógrafos anteriores ficou grandemente diminuída. Atenção particular também foi dispensada no intuito de trazer à luz a força das preposições em composição.

3. As várias construções de verbos e adjetivos com seus casos e com outros adjuntos é dada, em geral, de maneira completa. Construções incomuns ou difíceis são observadas e esclarecidas mediante referência tanto a regras gramaticais quanto ao uso de outros autores.

1. *Vide* os verbetes λάμπω, λιβανός, ὕσσωπος, σουδάριον, φραγέλλιον, etc.
2. Compare com os verbetes στέλλω, φύω, ψάλλω, etc.

Aqui algumas reduções para indicar a construção de palavras são bastante convenientes para serem descartadas; consequentemente, termos como *c. ac.* e similares foram retidos sem escrúpulo, exatamente como o português comum passou a adotar as formas *etc.* e *idem*.

4. As diferentes formas e flexões de palavras são exibidas na medida em que pareceu apropriado para um léxico. Qualquer variedade ou irregularidade de forma é, em particular, plenamente esclarecida.

5. Enquanto os limites de um léxico nos permitem, atenção foi dada à interpretação de passagens difíceis, a fim de que a obra possa, em alguma medida, suprir o lugar de um comentário mais amplo. E, se me é permitido aqui dar ao estudante uma recomendação baseada na experiência de muitos anos, eu o aconselharia primeiro a estudar o Novo Testamento por si mesmo, apenas com a ajuda de sua gramática e léxico, dando cuidadosa atenção ao contexto e à conexão lógica. Desse modo, aquilo que ele adquirir será seu e permanecerá com ele; e então saberá que tipo de ajuda adicional buscar em comentários. A verdadeira finalidade de um comentário não é substituir as investigações próprias do estudante, mas ajudá-lo a preenchê-las e completá-las.

6. Cada verbete, tanto quanto praticável, contém uma referência de cada passagem do Novo Testamento em que a palavra é encontrada. Dessa forma, em mais de noventa por cento das palavras, o léxico é uma concordância completa do Novo Testamento. Aqueles verbetes que não se incluem nesse caso encontram-se indicados no final com o símbolo +[3]. Nos verbetes sem essa marca, meu empenho foi incluir as diferentes leituras do *Textus Receptus* (TR) e das edições posteriores mais aprovadas, como também algumas das leituras encontradas em manuscritos, sem, contudo, ter a preocupação de observar todas as variações menores, mesmo quando adotadas por um editor.

7. O cuidado mais diligente foi dado à verificação de todas as referências, especialmente aquelas do Novo Testamento; e, em uma obra contendo milhares de referências, apesar de muitos erros serem inevitáveis, ainda assim se espera que o presente volume esteja à altura desejada quando comparado com qualquer outro de igual tamanho e caráter. As referências escriturísticas são normalmente feitas com base no Novo Testamento de Hahn, na Septuaginta de Mill, e na Bíblia Hebraica de Van der Hooght, novamente editada por Hahn. Aquelas referências feitas ao Antigo Testamento, onde não for especificado de outra maneira, dizem respeito ao hebraico, nunca à versão em português.

Esse é o plano da obra agora entregue ao público, para cuja execução o autor dedicou, de forma incansável e repetida, os melhores vigores de muitos dos melhores anos de sua vida; com que sucesso, o público teológico deve julgar. Sua ardente expectativa e oração a Deus é que a obra possa, a despeito de tudo, mostrar-se útil, dando facilidade e impulso ao estudo das Santas Escrituras, e assim ajudar na promoção da causa do saber sagrado e da piedade cristã.

O autor gostaria de expressar sua gratidão a vários amigos, por cujo conselho e encorajamento ele foi ajudado. Em especial, seu agradecimento é dirigido ao Rev. Presidente Woolsey, do Yale College, por seu conselho e pelo uso irrestrito de sua valiosa biblioteca particular.

E. Robinson
Nova York, julho de 1850

3. A letra A (*alfa*), por exemplo, contém 891 verbetes separados; desses verbetes, somente 39 têm o símbolo +. A proporção relativa desses verbetes, em qualquer outra parte, provavelmente não é (se alguma coisa) muito maior.

PARA O ESTUDANTE

As referências aos autores gregos são normalmente a edições de uso comum, e principalmente a edições publicadas nos clássicos em miniatura editados por Tauchnitz. Assim, Platão é citado pelas páginas de H. Stephens, mas elas são também dadas por Tauchnitz. O mesmo ocorre em outros casos. Onde a edição não é indicada por nome, ou não aparece sob a forma de citação, pode-se presumir que seja a de Tauchnitz. No entanto, dessa observação, as seguintes obras estão excluídas:

Oratores Graeci: *Demóstenes*, *Ésquines*, *Lísias*, *Iseu*, *Antifonte* etc., ed. Reiske, XII. Tom. Lips. 1770-75.
Anthologia Graeca, ed. F. Jacobs, XIII. Tom. Lips. 1794-1814.
Arr. Epict., isto é, Epicteti Dissertationes ab Arriano digestae, ed. Schwighaüser, III. Tom. Lips. 1799.
Dion Cass., ed. Reimar. II. Tom. fol. Hamb. 1750.
Herodiani Historiae, ed. Irmisch, IV. Tom. Lips. 1789-1805. A edição de Tauchnitz oferece apenas as divisões maiores.
Isocrates, ed. Bekker, em Oratores Attici.
Strabonis Geographia, ed. Casaubon, et c. notis, fol. Amst. 1709.
Josephi Opera, ed. Havercamp, II. Tom. fol. Amst. 1726. Todas as edições posteriores possuem as mesmas divisões.

Seguem-se os títulos completos de várias obras frequentemente mencionadas nas páginas do léxico:

Bibl. Res. in Palest.	*Biblical Researches in Palestine, Mount Sinai, and Arabia Petraea*, por E. Robinson e E. Smith, 3 v. 8vo. Boston, 1841. Lond., 1841.
Gr. Harm.	*A Harmony of the Four Gospels in Greek*, por E. Robinson, 8vo. Bost., 1845.

Heb. Lex.	*A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, da edição latina de W. Gesenius; por E. Robinson. 8vo. Bost., 1849.
Heb. Gr.	*Hebräische Grammatik, von* W. Gesenius, *neu bearbeitet von* E. Roediger. 15. ed. Leipz. 1848. Em inglês, com as mesmas divisões, *Hebrew Grammar* etc., por M. Stuart. Andover, 1847; também por T. J. Conant. Nova York, 1817.
Lehrgb. ou *Lgb.*	*Lehrgebäude der Heb. Sprache, von* W. Gesenius, 8vo. Leipz., 1817.
Winer	*Grammatik des neutest. Sprachidioms, von* G. B. Winer. Leipz., 1844. 5. ed.
Winer Realw.	*Biblisches Realwörterbuch, von* G. B. Winer. Leipz., 1847. 2 v. 3. ed.
Lob. ad Phryn.	*Phrynichi Eclogae Nominum. Edidit* C. A. Lobeck, 8vo. Leipz., 1820.
Sturz de Dial. Mac.	*De Dialecto Macedonica et Alexandrina* F. G. Sturz, 8vo. Lips., 1808.
Tittm. de Synon. N. T.	*De Synonymis in Novo Testamento*, Lib. I. II, J. A. H. Tittmann. Lips., 1829, 1832.
Herm. ad Viger.	F. Vigeri *de praecipuis Graecae Dictionis Idiotismis Liber* ed. G. Hermann, 8vo. Lips., 1834. 4. ed.
Buttm.	*A Greek Grammar for the use of High Schools and Universities*, de Philip Buttmann, revisada por seu filho; a partir da 18. ed. alemã, por E. Robinson. Nova York, 1851. A 18. ed. alemã foi publicada em Berlin recentemente, em 1849.
Buttm. Ausf. Sprachl.	*Ausführliche Griechische Sprachlehre, von* Philip Buttman, 2 Bde. Berlin, 1830, 1839. 2. ed.
Matth.	*Ausführliche Griechische Grammatik, von* A. Matthiae, 2 Th. Leipz., 1825, 1827. 2. ed. Uma terceira edição com poucas mudanças foi publicada após a morte do autor, Leipz., 1835. Em inglês, por E. V. Blomfield, editada por J. Kenrick. Lond., 1832.
Kühner	*Grammar of the Greek Language, for the use of High Schools and Colleges*, por R. Küehner; a partir do alemão, por B. B. Edwards e S. H. Taylor. Andover, 1844.
Passow	*Handwörterbuch der Griechischen Sprache, von* F. Passow, 4 Th. Leipz., 1831. Também: *A Greek-English Lexicon,* baseado na obra alemã de F. Passow, por H. G. Liddell e R. Scott, 2. ed. Oxford, 1845. Nova York, 1848.
Dict. of Antt.	*Dictionary of Greek and Roman Antiquities*, editado por W. Smith. Lond., 1848. 2. ed.

por consequência natural, seria refletido rapidamente na linguagem dos livros. Dessa maneira, formou-se o idioma grego posterior, ἡ κοινή διάλεκτος, o qual por toda parte substituiu o ático puro, e do qual Aristóteles, Políbio, Diodoro, Plutarco, Aeliano e outros escritores posteriores são os representantes. Algumas formas peculiares a esse idioma posterior foram atribuídas à influência dos macedônios, e relacionadas ao dialeto *macedônico*; ou, por vezes, as mesmas formas foram relacionadas a um dialeto *alexandrino*, visto que o principal berço da cultura grega posterior se encontrava no Egito e em sua metrópole Alexandria. Porém, esses termos são provavelmente muito específicos, e incluem aquilo que pertenceu estritamente à linguagem posterior da vida comum em geral, antes que o dialeto de qualquer tribo ou cidade específicas.

A língua do Novo Testamento é *a língua grega posterior, tal como falada por estrangeiros da língua hebraica, e aplicada por eles a assuntos sobre os quais ela nunca fora empregada por escritores gregos nativos.* A simples declaração desse fato sugere imediatamente o que deve ser o caráter desse idioma; e poderia, na imaginação de alguém, ter economizado um bom volume de controvérsia. Os judeus entraram em contato com os gregos somente por ocasião das conquistas macedônicas, e depois delas; e assim se familiarizaram unicamente com o grego posterior. Eles o aprenderam a partir das relações da vida, no comércio, nas colônias, nas cidades fundadas, como Alexandria, onde os habitantes se reuniam provindos da Ásia, bem como da Grécia; e assim ela era a linguagem falada da vida comum, com a qual eles se familiarizaram, e não aquela dos livros. Mas eles a falavam como estrangeiros, como hebreus; consequentemente, ela não podia deixar de ter, em geral, um colorido do hebraico, ou antes do posterior aramaico, que era o idioma vernáculo deles. Judeus que falavam grego eram chamados no Novo Testamento helenistas (Ἑλληνισταί); e assim, no uso moderno, desde o tempo do mais moço Scaliger, o grego judaico não tem sido indevidamente denominado *helenístico*.

O primeiro monumento deste idioma é a Versão dos Setenta (Septuaginta, ou LXX), feita em Alexandria, provavelmente em tempos diferentes no transcorrer dos séculos que imediatamente precederam a era cristã. Essa obra, por ser uma tradução direta do hebraico, feita por judeus, exibe fortemente a influência do hebraico, bem como um conhecimento imperfeito do grego; ainda que em vários graus em suas diferentes partes. Estreitamente associados a isso encontram-se os livros apócrifos, costumeiramente ligados à Septuaginta. Nesse meio tempo, a língua grega tornou-se corrente também na Palestina, juntamente com o aramaico; em parte, por causa do relacionamento frequente com judeus helenistas estabelecidos no Egito e na Ásia Menor; e, em parte, devido à influência dos Herodes e do domínio romano. Por essa razão, o Novo Testamento foi escrito na então linguagem universal. Ainda mais tarde, surgiram outras versões gregas do Antigo Testamento, feitas por judeus; e também os demais escritos pseudepigráficos e apócrifos do Antigo e do Novo Testamento. Apenas dois escritores judeus, Filo e Josefo, ambos contemporâneos dos apóstolos, foram capazes de superar em grande medida a influência de seu idioma vernáculo; e, apesar de eles, ao tratarem de questões judaicas, empregarem necessariamente termos pertencentes ao grego judaico, em geral ainda se aproximaram mais estreitamente do idioma escrito do grego posterior do que qualquer um dos escritores tanto da Septuaginta quanto do Novo Testamento.

Os escritores do Novo Testamento, com exceção de Paulo e, parcialmente talvez, de Lucas, eram homens incultos; e, como os demais de seus patrícios, conheciam a língua grega apenas a partir dos relacionamentos da vida comum, e não de livros. Com eles, entretanto, o elemento hebraico que se misturou ao seu idioma naturalmente haveria de ter grande proeminência; se bem que, por não serem esses escritos traduções de um original hebraico, esse elemento

REDUÇÕES

LIVROS DA BÍBLIA

Antigo Testamento

Gn	Gênesis
Êx	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio
Js	Josué
Jz	Juízes
Rt	Rute
1Sm	1 Samuel
2Sm	2 Samuel
1Rs	1 Reis
2Rs	2 Reis
1Cr	1 Crônicas
2Cr	2 Crônicas
Ed	Esdras
Ne	Neemias
Et	Ester
Jó	Jó
Sl	Salmos
Pv	Provérbios
Ec	Eclesiastes
Ct	Cantares
Is	Isaías
Jr	Jeremias
Lm	Lamentações
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel
Os	Oseias
Jl	Joel
Am	Amós
Ob	Obadias
Jn	Jonas
Mq	Miqueias
Na	Naum
Hc	Habacuque
Sf	Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Zacarias
Ml	Malaquias

Novo Testamento

Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos dos Apóstolos
Rm	Romanos
1Co	1 Coríntios
2Co	2 Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
1Ts	1 Tessalonicenses
2Ts	2 Tessalonicenses

REDUÇÕES

1Tm	1 Timóteo	2Pe	2 Pedro
2Tm	2 Timóteo	1Jo	1 João
Tt	Tito	2Jo	2 João
Fm	Filemom	3Jo	3 João
Hb	Hebreus	Jd	Judas
Tg	Tiago	Ap	Apocalipse
1Pe	1 Pedro		

LITERATURA APÓCRIFA

Ad. Et	Adição a Ester	Sr	Sirácida, ou Eclesiástico
Tb	Tobias	Br	Baruque
Jt	Judite	Hist. Sus.	História de Susana
1Mc	1 Macabeus	Bel e o Drag.	Bel e o Dragão
2Mc	2 Macabeus	Sl Salomão	Salmos de Salomão
3Mc	3 Macabeus	Test. XII Patr.	Testamento dos Doze
4Mc	4 Macabeus		Patriarcas
Sb	Sabedoria	Ep. Barnabé	Epístola de Barnabé

TEXTOS

Cód. Alex.	Códice Alexandrino	LXX	Septuaginta, ou Versão dos
Cód. Vat.	Códice Vaticano		Setenta
Complut.	Complutense	TR	*Textus Receptus*, ou Texto Recebido

GERAIS

a.C.	antes de Cristo	cap.	capítulo
abs.	absolutamente, sem caso ou	card.	cardinal
	adjunto	centr.	centro (em referências)
ac.	acusativo (c. ac. = com acusativo)	col.	coletivo, coletivamente
ad. loc.	lat. *ad locum*, no ou para o lugar	colat.	colateral
adj.	adjetivo	comp.	comparativo
adv.	advérbio	compl.	complemento
afin.	afinidade (entre palavras)	conj.	conjunção
al.	alemão	contr.	contraído
	lat., outros, o mais, o resto (al	copul.	copulativo
	saep./saepiss. = *al.* + *sæpe*/	correl.	correlato
	sæpissime; non al. = não + *al.*)	corresp.	correspondente
anôm.	anômalo	cp.	compare
antít.	antítese	d.C.	depois de Cristo (A.D., lat. *anno*
aor.	aoristo		*Domini*)
apoc.	apocopado	dat.	dativo (c. dat. = com dativo)
ár.	árabe	defect.	defectivo
aram.	aramaico	dep.	depoente
art.	artigo(s)	dim.	diminutivo
AT	Antigo Testamento	ed.	edição
at.	ativo		editor

elípt.	elíptico, elipticamente
enclít.	enclítico
enfát.	enfático, enfaticamente
esp.	especialmente, em sentido especial e particular
etc.	lat. *et cætera*, e outras coisas, e assim por diante
expr.	expresso
fem.	feminino
fin.	final (em referências)
fr.	francês
fut.	futuro
gen.	genitivo (c. gen. = com genitivo)
ger.	geralmente, em sentido geral, ordinariamente
gr.	grego
heb.	hebraico
hebr.	hebraísmo
i.q.	lat. *idem quod*, o mesmo que, equivalente a
ib.	lat. *ibidem*, no mesmo lugar, na mesma obra
id.	lat. *idem*, o mesmo
imper.	imperativo
imperf.	imperfeito
impes.	impessoal
impl.	implícito
in loc.	lat. *in loco*, no próprio local, no lugar citado
indec.	indeclinável
indef.	indefinido
indic.	indicativo
inf.	infinitivo
ingl.	inglês
iníc.	início (em referências)
intens.	intensivo
interrog.	interrogativo
intrans.	intransitivo
it.	italiano
κτλ.	καὶ τὰ λοιπά, lat. *et cætera*, port. etc.
l.c.	lat. *locus citatus*, no lugar citado
lat.	latim
lit.	literal, literalmente
m.-q.-perf.	mais-que-perfeito
marg.	margem
méd.	médio
metaf.	metaforicamente
meton.	metonimicamente, por metonímia
ms.	manuscrito(s)
n.	nome nota
neg.	negativo
neut.	neutro
nom.	nominativo
NT	Novo Testamento
num.	numeral
obs.	obsoleto
om.	omitido
op.	oposto, em oposição
opt.	optativo
ord.	ordinal
p.	página(s) pessoa
p.ex.	por exemplo
paral.	paralelo
part.	particípio
partíc.	partícula
pass.	passivo
perf.	perfeito
pl.	plural
pleon.	pleonástico, pleonasticamente
poét.	poético
port.	português
poss.	possessivo
pr.	em sentido próprio e literal, não figurado (lat. *propriae*)
preced.	precedente, precedido
prep.	preposição
pres.	presente
pret.	pretérito
priv.	privativo (negativo)
pron.	pronome
prov.	provavelmente
q.d.	lat. *quasi dictum*/*quasi dicat*, como se disse
q.v.	lat. *quod vide*, queira ver
r.	raiz, tronco (verbal) lat. *rexit*, regido (para um período de reinado)

REDUÇÕES

rab.	rabínico	subst.	substantivo
relat.	relativo	sup.	superlativo
sæp.	lat. *sæpe*, frequentemente	trans.	transitivo
sæpiss.	lat. *sæpissime*, muito frequentemente	trop.	tropológico, em sentido trópico ou figurado
sânsc.	sânscrito		
sc.	lat. *scilicet*, a saber, vale dizer	ult.	ultimamente (em referências)
signif.	significado	v.	versículo(s)
simpl.	simples, simplesmente		variante (entre uma forma e outra)
sin.	sinônimo		lat. *vide* (entre um texto e outro)
sínc.	síncrese	voc.	vocativo
sing.	singular	vol.	volume(s)
sir.	siríaco	vulg.	vulgar
subj.	subjuntivo		

SINAIS

[ ]	indicam comumente uma diversidade de leitura; algumas vezes, uma numeração diferente dos versículos.
+	indica verbetes que não contêm todas as referências no Novo Testamento.

LÉXICO GREGO DO NOVO TESTAMENTO

A

Α, α *alfa*, a primeira letra do alfabeto grego, correspondendo ao hebraico **א**. Para sua força como partícula privativa e intensiva na composição, *vide* as gramáticas, Buttm. § 120. 5, e n. 11. Kühner § 237. R. 3. b. | No NT τὸ Α ou τὸ ἄλφα significa *o primeiro*, Ap 1.8,[11]; 21.6; 22.13; onde o próprio escritor explica a expressão por πρῶτος e ἀρχή. *Vide* Is 48.12 cp. 41.4; 44.6. Assim Clem. Alex. Strom. 4. 25 [p. 537. c. ed. Sylb.] κύκλος γὰρ αὐτός (ὁ υἱὸς) πασῶν τῶν δυνάμεων, εἰς ἓν εἱλουμένων καὶ ἑνουμένων· διὰ τοῦτο Α καὶ Ω ὁ λόγος εἴρηται.

Ἀαρών, ὁ indec. *Arão*, heb. אַהֲרֹן, n. pr. de um filho de Anrão e Joquebede da tribo de Levi, Êx 6.20; o irmão mais velho de Moisés, e seu intérprete (נָבִיא) perante Faraó, Êx 4.14ss.; 5.1ss.; 7.10ss.; como também o primeiro sumo sacerdote, Êx 28.1ss.; 40.12ss. | No NT At 7.40; Hb 5.4; 7.11; 9.4. Por hebraísmo, *a família de Arão*, Lc 1.5.

Ἀβαδδών, ὁ indec. *Abadom*, heb. אֲבַדּוֹן (destruição), o nome atribuído (Ap 9.11) ao anjo do Tártaro (τῆς ἀβύσσου), e explicado pelo grego ἀπολλύων, *o destruidor*. A palavra heb. usual é מַשְׁחִית, LXX ὁ ὀλοθρεύων, Êx 12.23; Sb. 18.25; cp. ὀλοθρευτής, 1Co 10.10.

ἀβαρής, ές, οῦς, ὁ, ἡ adj. (α priv. βάρος), pr. *não-pesado*, p.ex. πῦρ ἀβαρές Plut. de Stoic. repugn. 42. T. VI. p. 98. | No NT trop. *livre de ônus*, ou seja, que não dá despesa; 2Co 11.9 ἀβαρῆ ὑμῖν ἐμαυτὸν ἐτήρησα. Assim ἐπιβαρέω, q.v., e βαρύς Jos. Ant. 1. 16. 2.

ἀββᾶ indec. *Aba*, ou seja, *pai*, heb. אָב, aram. אַבָּא; Mc 14.36; Rm 8.15; Gl 4.6.

Ἄβελ, ὁ indec. *Abel*, heb. הֶבֶל (um hálito), n. pr. do segundo filho de Adão, Mt 23.35; Lc 11.51; Hb 11.4; 12.24. *Vide* Gn 4.1-16.

Ἀβιά, ὁ indec. *Abias*, heb. אֲבִיָּה (Jeová seu pai), n. pr. de dois homens no NT. **a)** Um rei de Judá, Mt 1.7 (2x); *vide* 1Rs 14.31; 15.1ss. **b)** Um sacerdote da descendência de Arão, e fundador de uma família sacerdotal, Lc 1.5. Quando todos os sacerdotes foram distribuídos em 24 divisões, a oitava divisão levou o seu nome, *a de Abias*; *vide* 1Cr 24.10.

Ἀβιάθαρ, ὁ indec. *Abiatar*, heb. אֶבְיָתָר (pai de abundância), n. pr. de um sumo sacerdote, Mc 2.26; *vide* 1Sm 22.21; 1Rs 2.26-27,35. O sumo sacerdote no tempo mencionado por Marcos era *Aimeleque*; porém seu filho Abiatar, que mais tarde foi

sumo sacerdote, é aqui mencionado talvez por proeminente participação na transação, e por estar mais intimamente associado com a história de Davi.

Ἀβιληνή, ἧς, ἡ *Abilene*, n. pr. de um distrito no declive oriental do Antilíbano, assim chamado por conta da cidade de Abila ou Abela, situado na montanha 18 milhas romanas (26,622 km) a noroeste de Damasco, na direção de Heliópolis ou Ba'albek; conhecida também como Ἀβίλη τοῦ Λυσανιοῦ para distinguí-la de outra cidade na Pereia. Este distrito aparentemente se estendia ao longo do declive oriental do Antilíbano e Hermom até Banias e Golã; e assim limitava-se com os territórios de Filipe. Assim em Lc 3.1; onde Lisânias é mencionado como sendo o tetrarca de Abilene no décimo quinto ano de Tibério, cerca de 28 d.C. Muito antes dessa época, Josefo fala de um Lisânias, o filho de um Ptolomeu que, nos dias de Pompeu, era um poderoso e perigoso vizinho de Damasco; Ant. 14. 7. 4, cp. 13. 16. 3 e 14. 3. 2. Pode-se, talvez, inferir a partir disto que ele era senhor também de Abilene. Lisânias o sucedeu em 40 a.C.; mas foi morto por Antônio por causa das intrigas de Cleópatra cerca de 34 a.C.; Ant. 15. 4.1. Dio Cass. 49. 32. Alguns anos mais tarde, um certo Zenodoro é mencionado como tendo *adquirido* as possessões (οἶκος) de Lisânias; ele também teve jurisdição sobre Traconites e outros distritos; porém envolvendo-se ele com bandos de salteadores, Augusto retirou-lhe Traconites e as regiões adjacentes e as deu a Herodes, o Grande, em 22 a.C; e, por ocasião da morte de Zenodoro, em 19 a.C., Herodes recebeu mais ainda de seus territórios, como Banias e o distrito mais ao oriente; Ant. 15. 10. 1. 3. Até aqui Josefo nem mesmo menciona Abilene; porém no primeiro ano de Calígula, 38 d.C., mais de setenta anos depois da morte do primeiro Lisânias, e dez anos após a declaração de Lucas, ele relata que Calígula deu ao Agripa mais velho, o Herodes do livro de Atos, a tetrarquia de seu tio Filipe, e também "a tetrarquia de Lisânias", ou Abilene; e estas foram confirmadas a Agripa por Cláudio em sua ascensão, com a especificação de que "Abila de Lisânias e tudo quanto estivesse no monte Líbano" eram distritos pertencentes ao próprio imperador (ἐκ τῶν αὐτοῦ); Ant. 18. 6. 10. ib. 19. 5. 1. B. J. 2. 11. 5. Por ocasião da morte de Herodes Agripa eles passaram a seu filho, o Agripa mais novo, perante quem Paulo foi levado; Ant. 20. 7. 1. Atos 26. A partir de todos estes fatos, é provável que Ptolomeu e seu filho, o primeiro Lisânias, possuíram Abilene; que depois da morte do último ela tenha sido entregue pelo imperador a Zenodoro para beneficiar a família de Lisânias ainda em sua menoridade; e que mais tarde os filhos foram restabelecidos em seus direitos; e nesse caso o Lisânias de Lucas pode bem ter sido o filho ou o neto do primeiro Lisânias. Se filho, devia estar próximo dos setenta anos de idade no tempo especificado por Lucas. Isto não é improvável, pois dez anos mais tarde (38 d.C.) seus territórios foram revertidos ao imperador, talvez por falta de herdeiros; e foram dados por ele a Herodes Agripa. Desta maneira, o testemunho de Josefo e o de Lucas estão em harmonia. Na verdade, como Josefo em parte alguma associa o primeiro Lisânias a Abilene, não é improvável que ao falar desse distrito setenta anos mais tarde como "a tetrarquia de Lisânias", ele de fato se refira ao segundo Lisânias, que na verdade fora o seu tetrarca, mas que nesse tempo era morto. | O lugar da cidade de Abila está ocupado pela moderna vila de *Sûk Wadi el-Barada*, onde o rio Barada escoa por uma fenda deserta. Aqui se vê o que restou de antigos muros e alicerces de edifícios, fragmentos de colunas, sepulcros cavados na rocha, e uma estrada ao longo

da fenda cortada através da rocha, com inscrições. *Vide* mais em Biblioth. Sac. 1848. p. 79ss. Winer Bibl. Realw. art. *Abilene.*

ʼΑβιούδ, ὁ indec. *Abiúde*, heb. אֲבִיהוּד (Judá seu pai), n. pr. de um filho de Zorobabel, Mt 1.13 (2x). Omitido em 1Cr 3.19.

ʼΑβραάμ, ὁ indec. *Abraão*, heb. אַבְרָהָם (pai de uma multidão), n. pr. do célebre patriarca e fundador da nação israelita, Mt 1.1-2; 22.32; Hb 11.8-19, al. Em At 7.16 ʼΑβραάμ, por um óbvio erro de transcrição, está escrito em vez de ʼΙακώβ; *vide* Gn 33.19; Js 24.32. +

ἄβυσσος, ου, ἡ (α priv. βύθος ou βύσσος), pr. adj. *insondável, profundo, inescrutável*, como λίμνη ἄβυσσος Diod. Sic. 5. 25. Hdot. 2. 28. LXX para תְּהוֹם, *abismo*, seja o oceano, Gn 1.2; 7.11; ou o mundo inferior, Sl 71.20[21]; 107.26. | No NT., subst. ἡ ἄβυσσος, *o abismo, o lugar dos mortos, orco*, ᾅδης, Rm 10.7. Esp. *Tártaro*, aquela parte do ᾅδης na qual as almas dos ímpios são representadas como confinadas, Lc 8.31; Ap 9.1-2,11; 11.7; 17.8; 20.1,3; cp. 2Pe 2.4. Assim Acta Thom. § 32 ἡ ἄβυσσος τοῦ Ταρτάρου.

ʼΑγαβος, ου, ὁ *Ágabo*, n. pr. de um cristão judeu, que predisse uma fome e o aprisionamento de Paulo, At 11.28; 21.10.

ἀγαθοεργέω, ῶ fut. ήσω, (ἀγαθός, ἔργον), Favorino εὐεργετῶ καὶ ἐργάζομαι ἀγαθόν. | No NT, *fazer o bem* a outros, abs. 1Tm 6.18; cp. Gl 6.10. Assim ἀγαθουργός Plut. de Is. et Osir. 48.

ἀγαθοποιέω, ῶ fut. ήσω, (ἀγαθοποιός), porém a forma melhor é ἀγαθὸν ποιέω, Lobeck ad Phryn. p. 200.
1. *fazer o bem* a outros, abs. Mc 3.4; Lc 6.9,35; At 14.17; com ac. de pessoa Lc 6.33 (2x). LXX para הֵיטִיב Jz 17.13; Sf 1.12. Assim Tb 12.13; 1Mc 11.33.
2. *fazer bem*, agir virtuosamente, abs. 1Pe 2.15,20; 3.6,17; 3Jo 11. Cp. 1Pe 3.11.

ἀγαθοποιΐα, ας, ἡ *prática do bem*, conduta virtuosa, 1Pe 4.19; *vide* ἀγαθοποιέω n.º 2. Outros menos satisfatório *beneficência*. | Test. XII. Pat. ap. Fabric. Cod. Pseudep. I. 722.

ἀγαθοποιός, ου, ὁ, ἡ adj. (ἀγαθός, ποιέω), pr. *que faz o bem, beneficente*, Plut. Is. et Osir. 42; *gentil, cortês*, p.ex. γυνή Sr 42.14. | No NT, *que faz o bem, correto, um benfeitor*, 1Pe 2.14; *vide* em ἀγαθοποιέω n.º 2. Assim Atenág. Apol. p. 29 ὁ θεός, τελείως ἀγαθὸς ὤν, ἀϊδίως ἀγαθοποιός ἐστιν.

ἀγαθός, ή, όν (ἄγαν) corresp. ao heb. טוֹב, lat. *bonus*, port. *bom*.
1. *bom*, ou seja, distinto por qualidades boas e elevadas, caráter; de pessoas, Mt 19.16 διδάσκαλε ἀγαθέ. v. 17 (2x); Mc 10.17ss.; Lc 18.18ss. (Jos. Ant. 9. 5. 2 τοὺς ἀγαθοὺς ἄνδρας καὶ δικαίους ἀπέκτεινε. Xen. Ven. 1.14). De coisas, Lc 10.42 τὴν ἀγαθὴν μερίδα. Jo 1.47. LXX para טוֹב Ed 8.27 χαλκοῦ ἀγαθοῦ. | Esp.
a) Num sentido físico, *bom*, em oposição a mau, p.ex. δένδρον ἀγαθόν Mt 7.17-18; γῆ ἀγ. Lc 8.8. LXX γῆ ἀγ. para טוֹב Êx 3.8. | Plut. Gryll. 3. Xen. Œc. 16.7 γῆ ἀγ.
b) Num sentido moral, *bom, bem disposto, correto*. α) De pessoas, Mt 5.45 ἐπὶ πονηροὺς καὶ ἀγαθούς. 12.35; 22.10; 25.21; Lc 23.50; Jo 7.12; At 11.24. LXX para טוֹב Pv 13.2; 15.3. Assim Xen. Mem. 3. 4. 8 τοὺς κακοὺς κολάζειν καὶ τοὺς ἀγαθοὺς τιμᾷν. β) De coisas, ações, *boa, reta, direita*, p.ex. καρδία Lc 8.15; ἐντολή Rm 7.12; λόγος 2Ts 2.17; θέλημα τοῦ θ. Rm 12.2 (LXX τό πνεῦμα τὸ ἀγ. para טוֹב Ne 9.20; Sl 143.10; Sb 8.19 ψυχὴ ἀγ). Donde συνείδησις ἀγαθή *uma boa consciência*, percepção de retidão, At 23.1; 1Tm 1.5,19; 1Pe 3.16,21. Também ἔργον ἀγαθόν, ἔργα ἀγαθά, *boas obras, prática do bem, retidão*, Rm 2.7; 13.3; Ef 2.10; Cl 1.10; 2Tm 2.21, al. LXX ποιήματα ἀγ. para טוֹב 1Sm 19.4; Sb 3.15 πόνοι ἀγ.

c) Neutro como subst. (τὸ) ἀγαθόν, (τὰ) ἀγαθά, *o bem, coisas boas, o que é correto, virtude*, Mt 12.34-35; 19.16; Lc 6.45; Rm 2.10; 7.18-19; al. Rm 7.13 τὸ ἀγαθόν *aquilo que é intrinsecamente bom*. 14.16 ὑμων τὸ ἀγαθόν *vosso bem*, sc. liberdade de consciência, liberdade cristã. LXX para טוֹב Sl 53.2,4. | Arr. Epict. 1.4.1. Xen. Mem. 3.10.5.

2. *bom*, quanto à operação, influência, utilidade, ou seja, *útil, benéfico, proveitoso*.

a) De pessoas, *bom, gentil, benevolente, que faz o bem*, Rm 5.7; 1Ts 3.6; Tt 2.5; 1Pe 2.18. LXX para טוֹב 2Cr 30.19 ὁ θεὸς ἀγ. Sl 73.1. | Plut. Consol. ad. Apoll. 37. Xen. Cyr. 3. 3. 4 εὐεργέτην, τὸν ἄνδρα τὸν ἀγαθόν.

b) De coisas; p.ex. δόματα Mt 7.11; Lc 11.13; δόσις Tg 1.17; ἀναστροφή 1Pe 3.16; καρποί Tg 3.17; πίστις Tt 2.10. (LXX para טוֹב 1Sm 12.23 ἀγ. ὁδός. Ne 9.13 ἐντολαὶ ἀγ). Mt 12.35 ἀγ. θησαυρός, *tesouro de coisas boas*, Lc 6.45. Assim ἔργα ἀγαθά, *boas ações, benefícios*, At 9.36; 2Co 9.8; 1Tm 2.10; 5.10. | Também *bom* para qualquer propósito, *apropriado, adaptado para*, Ef 4.29 λόγος ἀγ. πρὸς οἰκοδομήν. Rm 15.2. Assim Jos. Ant. 4. 6. 1 πόλις φοινίκας φέρειν ἀγαθή. Pausan. Eliac. post. c. 26. 4 χώρα ἐς καρποὺς ἐκτρέφειν ἀγαθή. Plut. Sept. Sap. Conv. 14, p. 367, Platão Rep. 608. e.

c) Neutro como subst. τὸ ἀγαθόν, *algo útil e proveitoso, um benefício*, Rm 8.28; 12.21; 13.4; Gl 6.10; Ef 4.28; 6.8; 1Ts 5.15; Fm 6,14. (Xen. Cyr. 4. 2. 18). Pl. τὰ ἀγαθά, *coisas boas e úteis, benefícios, bênçãos*, Mt 7.11 Lc 1.53; 16.25; Rm 3.8; Gl 6.6; Hb 9.11; 10.1. (Plut. Pericl. 39. Xen. Cyr. 5. 3. 15. τοὺς εὐεργετοῦντας ἀγαθοῖς ὑπερβαλλόμενοι). No sentido de *bens, riqueza*, Lc 12.18-19. LXX para טוּב Gn 24.10; Dt 6.11. Assim Xen. Cyr. 3. 3. 20.

3. *bom*, quanto aos sentimentos excitados, ou seja, *contente, alegre, feliz*. 1Pe 3.10 ἡμέρας ἀγ. Rm 10.15 τὰ ἀγαθά *tempos felizes*. 2Ts 2.16. LXX para טוֹב Sl 34.12 ἡμέρας ἀγ. Zc 8.19 ἑορτὰς ἀγ. Assim Sr 14.14; 1Mc 10.55. +

ἀγαθουργέω, ῶ fut. ήσω, forma posterior para ἀγαθοεργέω, *fazer o bem* aos outros, abs. At 14.17 em alguns ms. | Cirilo Alex. c. Julian. 3. p. 81. a, et em Mich. cap. 2.ª p. 409. c.

ἀγαθωσύνη, ης, ἡ pr. para ἀγαθοσύνη, Buttm. § 119. 10. c; em escritores gregos ἀγαθότης, ou melhor χρηστότης, Thom. Mag. p. 921; *bondade*, ou seja, de disposição e caráter, *retidão, virtude*, Rm 15.14; Ef 5.9; 2Ts 1.11; LXX para טוֹב Sl 52.5; טוּבָה 2Cr 24.16. | Também *bondade* para com os outros, *benignidade, beneficência*, Gl 5.22, LXX para טוּב Ne 9.25.

ἀγαλλίασις, εως, ἡ não encontrada em escritores gregos; mas frequentemente na LXX no sentido de *exultação, alegria*, para גִּיל Sl 45.16; 65.13; *regozijo*, com cântico, dança, para רִנָּה Sl 30.7; 118.15; 126.2,6; *grande alegria*, para שָׂשׂוֹן Sl 45.8; 51.10,14; assim Tb 13.1. | No NT, *alegria, contentamento, regozijo*, Lc 1.14,44; At 2.46; Jd 24. (Acta Thom. § 7 ἐν χαρᾷ καὶ ἀγαλλιάσει). Hb 1.9 ἔλαιον ἀγαλλιάσεως de Sl 45.8, *óleo de alegria*, ou seja, com que os convidados eram ungidos nas festas, colocado aqui como símbolo da mais alta honra; *vide* Sl 23.5; Am 6.6.

ἀγαλλιάομαι, ῶμαι (ἄγαν, ἄλλομαι), 1.º aor. ἠγαλλιασάμην, também 1.º aor. pass. ἠγαλλιάθην como méd. Jo 5.35 em edições posteriores; uma vez at. ἀγαλλιάω, ῶ, Lc1.47. Não encontrado em escritores gregos, mas frequentemente na LXX para גִּיל Sl 2.11; צָהֵל Sl 68.4; רָנַן Sl 20.6; שׂוּשׂ Sl 40.17 etc. pr. considerado regozijo com cântico e dança. | Donde no NT, *exultar, regozijar*, abs. Lc 10.21; At 2.26 ἠγαλλιάσατο ἡ γλῶσσά μου, alegrei-me com palavras, cantei em alta voz. 16.34. Assim χαίρειν καὶ ἀγαλλ. intens. *alegrar-se muitíssimo*, Mt 5.12; 1Pe 4.13; Ap 19.7; cp. Sl 90.14; 40.17. (Acta Thom. § 27). Com um substantivo de mesmo signif. como dat. de modo; 1Pe

1.8 ἀγαλλίασθε χαρᾷ ἀνεκλαλήτῳ, *alegrar-se com gozo inefável*, ou seja, indizível. Com ἵνα e o subj. Jo 8.56 ἠγαλλιάσατο ἵνα ἴδῃ τὴν ἡμέραν τὴν ἐμήν, *ele exultou por ver o meu dia*, ou seja, para vê-lo. Com ἐπί c. dat. Lc 1.47 ἠγαλλίασε τὸ πνεῦμά μου ἐπὶ τῷ θεῷ. Aqui, como a forma ativa é desconhecida em outro lugar, ela deveria prov. ser lida ἀγαλλιάσεται τὸ πν. cp. Sl 13.6 ἀγαλλιάσεται ἡ καρδία μου. (Assim ἀγάλλεσθαι ἐπί τινι Xen. Mem. 3. 5. 16. LXX Sl 9.15). Com ἐν c. dat. onde um simples dativo poderia ficar; Jo 5.35 ἀγαλ. ἐν τῷ φωτὶ αὐτοῦ. 1Pe 1.6. Assim Sl 89.16 ἐν τῷ ὀνόματί σου ἀγαλλ. 13.5.

ἄγαμος, ου, ὁ, ἡ adj. (α priv. γάμος), *solteiro*, quer totalmente, *celibatários*, 1Co 7.32,34; ou referindo-se àqueles que não se casam segunda vez, 1Co 7.8,11. | Hom. Il. 3. 40. Plut. Lycurg. 15. Xen. Conv. 9. 7.

ἀγανακτέω, ῶ fut. ήσω, (ἄγαν, ἄχθος), pr. *estar atormentado*, quer no corpo, Platão Fedro 251. c; ou na mente, ou seja, *estar apreensivo* ou *ofendido*, Platão Fédon 8.9, p. 63. b. 64. a. | No NT, *estar insatisfeito, irritado, indignado*, abs. Mt 21.15; 26.8; Mc 10.14; Lc 13.14. (Bel e o Drag. 28. Hdian. 8.7. 6). Mc 14.4 ἀγανακτοῦντες πρὸς ἑαυτοὺς καὶ λέγοντες, *indignados entre si e dizendo*, para ἀγανακ. καὶ λέγ. πρὸς ἑαυτούς. Com περί c. gen. Mt 20.24; Mc 10.41. Assim ger. Platão Ep. 7. p. 345. d. Apollodor. Bib. I, περὶ Τιτάνων ἀγανακτοῦσα.

ἀγανάκτησις, εως, ἡ *indignação*, 2Co 7.11. | Plut. Comp. Pelop. c. Marcell. 3 pen. Tuc. 2. 41.

ἀγαπάω, ῶ fut. ήσω, (ἄγαμαι, cp. heb. עָגַב), *amar*; por vezes sin. de φιλέω, implicando *consideração* e *boa-vontade*; mas não incluindo, como φιλέω, amor sexual, exceto em escritores bem tardios; cp. Luc. V. H. 2. 25.

1. Pr. de parentes e amigos próximos, *amar, ter em estima*, c. ac., p.ex., esposas, Ef 5.25 οἱ ἄνδρες, ἀγαπᾶτε τὰς γυναῖκας ἑαυτῶν. v. 28,33; Cl 3.19; amigos, companheiros, Jo 11.5; 13.1 τοὺς ἰδίους. v. 23; 19.26; 21.7. al. Assim φιλέω Mt 10.37; Jo 11.3,36; LXX para אָהַב Gn 24.67; Rt 4.15. | Plut. Pericl. 1. Xen. Cyr. 8. 7. 14 ὑπὸ τῶν αὐτῶν γονέων ἀγαπώμενοι. Mem. 2. 7. 9 σὺ μὲν ἐκεῖνας [ἀδελφὰς] φιλήσεις ... ἐκεῖναι δὲ σὲ ἀγαπήσουσιν.

2. Como incluindo a ideia de respeito, confiança, benevolência, simpatia; p.ex., *amar* um amo, Mt 6.24; Lc 16.13; nosso próximo, τὸν πλησίον Mt 5.43; 19.19; Mc 12.31; também Mt 5.46; Mc 10.21; Lc 7.5; ac. impl. v. 42,47; τοὺς ἐχθρούς Mt 5.44; Lc 6.27,35; LXX para אָהַב 1Sm 18.16. Assim Plut. Pericl. 7. Hdian. 1. 8. 9. Xen. Hi. 11. 9 ὑπὸ πολλῶν πόλεων ἀγαπῷο ἄν. | Esp. e enfát. de Deus como *amando* Cristo, Jo 3.35; 10.17; 15.9; 17.23,26 ἡ ἀγάπη, ἣν ἠγάπησάς με, *o amor* (com) *que me amaste*; assim LXX 2Sm 13.15. Buttm.§ 131. 4, 5. Kühn. § 484. (Assim φιλέω Jo 5.20). De Cristo com *amando* o Pai, Jo 14.31. De Deus como *amando* os homens, os cristãos, Jo 3.16; 14.21; pass. Rm 9.13; 2Co 9.7; Hb 12.6; 1Jo 4.10-11; al. De Cristo como *amando* os crentes, seus discípulos, Jo 13.34; 14.21; 15.9,12; Rm 8.37; Ef 5.2,25; al. Dos cristãos como *amando* a Deus, Mt 22.37; Mc 12.30; Rm 8.28; 1Co 2.9; 8.3; 1Jo 4.10,19-20; (LXX para אָהַב Êx 20.6); Cristo, Jo 8.42; 14.15,21ss.; 21.16; Ef 6.24; 1Pe 1.8; uns aos outros, ou seja, com mútuo amor como irmãos cristãos, ἀλλήλους Jo 13.34; 15.12,17; Rm 13.8; 1Pe 1.22; 1Jo 3.11; al. τὸν ἀδελφόν 1Jo 2.10; 3.10; também 1Jo 3.14; 1Pe 2.17; ac. impl. ὁ ἀγαπῶν 1Jo 4.7-8. Assim de Paulo e seus irmãos espirituais, 2Co 11.11; 12.15 εἰ καὶ περισσοτέρως ὑμας ἀγαπῶν ἧττον ἀγαπῶμαι *ainda que, amando-vos cada vez mais, seja menos amado.* 1Ts 1.4 ἀδελφοὶ ἠγαπημένοι. Cl 3.12.

3. De coisas, *amar, deleitar-se, gostar*, c. ac. como πρωτοκαθεδρίαν Lc 11.43; τὸ σκότος Jo 3.19; τὸν κόσμον 1Jo 2.15; δικαιοσύνην Hb 1.9. (Assim φιλέω Mt 23.6; al.). LXX para אָהַב Sl 45.8. Assim Jos. Ant. 7. 1. 6. Plut. Lycurg. 29. Xen. Cyr. 7. 5. 67 μάλιστ' ἂν ἀγαπᾷν τὴν παρ' αὐτῷ δίαιταν. | Esp. Ap 12.11 οὐκ ἠγάπησαν τὴν ψυχὴν αὐτῶν ἄχρι θανάτου *eles não amaram a sua vida até à morte*, ou seja, não ficaram preocupados com a própria vida e voluntariamente se expusaram à morte; *vide* no art. οὐ n.º 5. Heb. Gr. § 149. Assim Sr 15.13 οὐκ ἀγαπητόν *não amado*, ou seja, odiado, detestado. +

ἀγάπη, ης, ἡ (ἀγαπάω) *amor*; não encontrado em escritores gregos. LXX para אַהֲבָה Ct 5.8; 8.6-7; al. No NT, não encontrado em Mc, At ou Tg, e apenas uma vez em Mt e Lc.

1. *amor*, p.ex., para com nosso próximo, Jo 15.13. Em outras partes esp. e enfát. como associado à misericórdia de Deus para com a humanidade, ou aos sentimentos e deveres religiosos dos homens; p.ex., o amor de Deus por Cristo, Jo 17.26; Cl 1.13 ὁ υἱὸς τῆς ἀγαπῆς αὐτοῦ *o filho do seu amor*, seu filho amado; Heb. Gr § 104. 2. O *amor* de Deus aos homens, 1Jo 3.1,4; 4.16; assim c. gen. ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ *o amor de Deus* para com os homens, Rm 5.5,8 εἰς ἡμᾶς. 2Co 13.13; Ef 2.4. O amor de Cristo aos homens, p.ex., Ef 3.19 γνῶναι τὴν ὑπερβάλλουσαν τῆς γνώσεως ἀγάπην τοῦ X. Rm 8.35,39; 2Co 5.14; ἐν τῇ ἀγαπῇ μου Jo 15.10; também com pron. poss. Jo 15.9 μείνατε ἐν τῇ ἀγάπῃ τῇ ἐμῇ *permanecei em meu amor*, continuar digno dele. Assim do *amor a* Deus como o dever dos homens, dos crentes, c. gen. Jo 5.42 τὴν ἀγάπην τοῦ θεοῦ οὐκ ἔχετε, Lc 11.42; 2Ts 3.5; 1Jo 2.5,15; 3.17; 4.9; 5.3. Do *amor* para com nossos irmãos cristãos, mútuo amor cristão; p.ex., ἡ ἀγάπη εἰς ἀλλήλους 1Ts 3.12; 2Ts 1.3; 1Pe 4.8; εἰς πάντας τοὺς ἁγίους Ef 1.15; Cl 1.4; Fm 5; εἰς ὑμᾶς 2Co 2.4; ἐν c. dat. Jo 13.35 ἐὰν ἀγάπην ἔχητε ἐν ἀλλήλοις. 2Co 8.7 τῇ ἐξ ὑμῶν ἐν ἡμῖν ἀγάπῃ *o amor de vossa parte para nós*, vosso amor para conosco (*vide* Winer § 54. 4); abs. Rm 14.15 οὐκέτι κατὰ ἀγάπην περιπατεῖς. 1Co 4.21; 16.13,24; 2Co 2.8; Ef 4.15; al. Do *amor* da verdade, ἡ ἀγ. τῆς ἀληθείας 2Ts 2.10. | Donde, *amor* em geral, *santo amor*, sem especificar um objeto definido, p.ex., como um atributo de Deus, 1Jo 4.7-8 ὁ θεὸς ἀγάπη ἐστιν. v. 16; como uma graça cristã, Rm 12.9 ἡ ἀγάπη ἀνυπόκριτος. 13.10; 1Co 8.1; 13.1-13; 14.1; 1Jo 4.10,16; al. Mt 24.12. Também ἡ ἀγάπη τοῦ πνεύματος *o amor do Espírito inspira* Rm 15.30. Assim Sb 3.9; 6.17-18. | O gen. após ἀγάπη pode representar tanto o sujeito quanto o objeto; p.ex., ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ *o amor de Deus* para com qualquer um, ou também *o amor para com Deus*; *vide* os exemplos acima. Winer § 30. 1. Heb. Gr. § 112. 2. +

2. Pl. ἀγάπαι, ῶν, αἱ, *ágapes, festas do amor*, Jd 12. (2Pe 2.13). Cp. 1Co 11.17ss. Estas eram banquetes públicos de um tipo frugal, instituídas pelos cristãos primitivos, e associadas por eles à celebração da ceia do Senhor. As provisões etc. vinham de contribuições das pessoas mais ricas, e pertenciam em comum a todos os cristãos, ricos ou pobres, que desejassem participar. Porções também eram enviadas aos membros enfermos ou ausentes. Estas ἀγάπαι pretendiam mostrar aquele amor mútuo requerido pela religião cristã; no entanto, elas passaram a ficar sujeitas a abusos, e foram depois descontinuadas. *Vide* Tertul. Apol. c. 39. Neander Hist. of the Ch. I. p. 325. [561].

ἀγαπητός, ή, όν (ἀγαπάω), *amado, estimado*, de coisas, Xen. Mem. 2. 1. 32 ἡ ἀρετὴ ... ἀγαπητὴ συνεργὸς τεχνίταις. LXX para יָדִיד Sl 84.2. | No NT, *amado, querido*, usado apenas para cristãos como unidos a

Deus ou uns aos outros pelos laços do santo amor, p.ex., Cl 4.14 Λοῦκας ὁ ἰατρὸς ὁ ἀγαπητός. v. 7,9; 1.7; Ef 6.21; Fm 16; 2Pe 3.15; 3Jo 1; fem. Fm 2; pl. At 15.25; 1Tm 6.2 ὅτι πιστοί εἰσι καὶ ἀγαπητοί, ou seja, ligados pelos laços da fé e do amor. Assim ἀδελφοὶ ἀγαπητοί num discurso direto, *amados irmãos*, cristãos, Fp 4.1; Tg 1.16,19; 2.5. Abs. ἀγαπητοί id. Rm 12.19; 2Co 7.1; Hb 6.9; 1Pe 2.11; 1Jo 3.2,21; al. Sing. ἀδελφέ 3Jo 2.5,11. Donde c. gen. ἀγαπητοὶ θεοῦ, *amados de Deus*, escolhidos por Ele para a salvação, Rm 1.7; 11.28; Ef 5.1. Assim LXX ἀγαπητοί σου para יְדִיד, usado para os adoradores de Deus, Sl 60.8; 108.7; 127.2. | Paulo aplica o termo particularmente para aqueles convertidos sob o seu ministério; como quando fala de Epêneto, τὸν ἀγαπητόν μου, Rm 16.5; também 16.8-9,12; cp. 1Co 4.17 Τιμόθεον, ὅς ἐστι τέκνον μου ἀγαπητὸν ἐν κυρίῳ. 2Tm 1.2. Assim também de toda uma igreja plantada por ele mesmo; 1Co 4.14 τέκνα μου ἀγαπητοί.10.14; Fp 2.12. Com dat. 1Ts 2.8 διότι ἀγαπητοὶ ἡμῖν ἐγενήθητε. | Na expressão: ὁ υἱὸς ὁ ἀγαπητός, *o filho amado, o amado*, como um epíteto de *um filho único*, ὁ μονογενής, e usado no NT apenas para Cristo, como ὁ υἱὸς ἀγαπητὸς τοῦ θεοῦ, Mt 3.17; 12.18; 17.5; Mc 1.11; 9.7; Lc 3.22; 9.35; 2Pe 1.17. Assim na parábola, Mc 12.6 ἕνα υἱὸν ἔχων, ἀγαπητὸν αὐτοῦ, *tendo um filho, seu amado*, ou seja, seu único filho. Lc 20.13. LXX para יָחִיד Gn 22.2,12; Jr 6.26; Am 8.10; Zc 12.10. Assim Hesíquio ἀγαπητόν· μονογενῆ, κεχαρισμένον. Pólux 3. 2 καλοῖτο δ' ἂν υἱὸς ἀγαπητός, ὁ μόνος ὢν πατρὶ ἢ μητρί. +

Ἄγαρ, ἡ indec. *Agar*, heb. הָגָר (fuga), n. pr. de uma serva de Abraão, a mãe de Ismael. Em Gl 4.24-25, Paulo aplica seu nome alegoricamente à condição inferior dos judeus sob a lei, em comparação com a posição dos cristãos sob o Evangelho. Gn 16.

ἀγγαρεύω fut. εύσω, pr. *enviar um* ἄγγαρος ou *mensageiro público*. Esta palavra é de origem persa, e, sendo recebida na língua grega, passou também a ser usada entre judeus e romanos. Ciro, ou, segundo Heródoto, Xerxes, foi o primeiro a estabelecer revezamento de cavalos (ἱππῶνες) e mensageiros a determinadas distâncias por todas as grandes estradas, para que as cartas e mensagens reais pudessem ser conduzidas com a maior velocidade possível. Estes ἄγγαροι tinham autoridade para obrigar ao seu serviço homens, cavalos, navios, ou qualquer coisa que lhes aparecesse no caminho, que pudesse servir para apressar sua viagem, Xen. Cyr. 8. 6. 17. Hdot. 8. 98. Cp. Et 8.10,14. Dict. of Ant. art. *Angaria*. | Mais tarde, ἀγγαρεύω veio a significar *obrigar ao serviço à maneira de um* ἄγγαρος, Jos. Ant. 13. 2. 3 κελεύω μηδὲ ἀγγαρεύεσθαι τὰ τῶν Ἰουδαίων ὑποζύγια. | Donde no NT c. ac. *compelir, obrigar* ao serviço, p.ex., acompanhar alguém, Mt 5.41 ὅστις σε ἀγγαρεύσει μίλιον ἕν. Assim ger. Mt 27.32; Mc 15.21. Cp. Buxtorf Lex. Rab. Chald. Talm. 131.

ἀγγεῖον, ου, τό (dim. ἄγγος) *um vaso, utensílio*, Mt 13.48; 25.4. LXX para כְּלִי Gn 42.25; Nm 4.9. | Plut. Romul. 20. Xen. An. 7. 4. 3.

ἀγγελία, ας, ἡ (ἀγγέλλω) pr. *mensagem levada, notícia*, Plut. Pomp. 13. Xen. Cyr. 6. 2. 14. | No NT, trop. *doutrina anunciada, preceito dado*, em nome de qualquer pessoa, 1Jo (1.5); 3.11. LXX para דָּבָר Pv 12.25.

ἄγγελος, ου, ὁ (ἀγγέλλω) **1.** *um mensageiro, alguém que é enviado*, a fim de anunciar, ensinar, executar, ou explorar qualquer coisa, Mt 11.10; Lc 7.24; 9.52; Tg 2.25 cp. Js 6.17; al. LXX para מַלְאָךְ Ml 2.7; al. (Diod. Sic. 11. 23. Xen. Cyr. 2. 4. 1). Assim em Ap 1.20ss. *os anjos das sete igrejas*, são provavel-

mente os profetas ou pastores dessas igrejas, que eram os mensageiros, delegados, das igrejas de Deus no oferecimento da oração, do serviço etc. Outros atribuem isto aos *anjos guardiões.*
2. *um anjo, um mensageiro celestial,* no uso da Escritura, um ser superior ao homem. A Divindade é representada como rodeada por inumeráveis seres de uma ordem superior ao homem, a quem Ele também emprega como seus mensageiros e agentes na administração dos negócios do mundo, e na promoção do bem-estar de indivíduos bem como de toda a família humana. Mt 1.20; 18.10; 22.30; At 7.30; al. saep. Eles também estão sujeitos ao Filho, e atuam como seus ministros, 1Pe 3.22; Hb 1.6; Mt 16.27; 24.31; 2Ts 1.7; al. Quanto ao número dos anjos, *vide* Mt 26.53; Hb 12.22; Ap 5.11. LXX para מַלְאָךְ Sl 104.4; al. *Vide* mais em Ἀρχάγγελος. | Alguns destes seres ἁμαρτήσαντες καὶ μὴ τηρήσαντες τὴν ἑαυτῶν ἀρχήν, 2Pe 2.4; Jd 6, são chamados οἱ ἄγγελοι τοῦ διαβόλου v. τοῦ Σατάν, *anjos do diabo,* ou *de Satanás,* Mt 25.41; 2Co 12.7; Ap 12.9; al. Ap 9.11 ὁ ἄγγελος τῆς ἀβύσσου, *o anjo do abismo,* Tártaro, ou seja, o anjo destruidor; *vide* Ἀβαδδών. | Difícil é 1Co 11.10 διὰ τοῦτο ὀφείλει ἡ γυνὴ ἐξουσίαν ἔχειν ἐπὶ τῆς κεφαλῆς διὰ τοὺς ἀγγέλους, *por este motivo deve a mulher ter autoridade* (um véu) *sobre sua cabeça por causa dos anjos,* ou seja, um véu como o símbolo de estar ela sob a autoridade de um marido, e isto *por causa dos anjos* que eram considerados como presentes e tendo profundo interesse na conduta e adoração dos cristãos; cp. Lc 15.7,10. Assim Paulo diz dos apóstolos, 1Co 4.9 θέατρον ἐγενήθημεν τῷ κόσμῳ καὶ ἀγγέλοις καὶ ἀνθρώποις. Outros em 11.10 entendem *anjos maus, demônios*; outros, *espias,* porém contra o *usus loquendi.* | Sobre os anjos em geral, *vide* Stuart em Biblioth. Sac. 1843, p. 88ss. +

ἄγε (pr. imper. de ἄγω) uma partícula de exortação ou incitamento, *vinde agora, ide para,* lat. *age,* com pl. Tg 4.13 ἄγε νῦν οἱ λέγοντες. 5.1. LXX para נָא Jz 19.6. *Vide* Winer § 47. 3. n. | Plut. Æm. Paul. 31. Xen. Cyr. 4. 2. 47.

ἀγέλη, ης, ἡ (ἄγω) *um rebanho*; no NT, somente de porcos, Mt 8.30-32 (2x); Mc 5.11,13; Lc 8.32-33. LXX para עֵדֶר Jz 5.16. | Hdian. 7. 2. 9. Xen. Mem. 2. 9. 7.

ἀγενεαλόγητος, ου, ὁ adj. (α priv. γενεαλογέω) *sem genealogia, cuja linhagem é desconhecida,* Hb 7.3. Melquisedeque é assim chamado, porque, não constando nos registros públicos de genealogia como pertencente à família de Arão, ele era sacerdote não por direito de linhagem sacerdotal, mas pela graça de Deus; seu sacerdócio, portanto, é de uma ordem superior e mais antiga que a de Arão; cp. v. 4ss.; Gn 14.18ss.; Êx 40.15; Nm 3.10.

ἀγενής, ές, ὁ, ἡ adj. (α priv. γένος) pr. alguém que está sem antepassados, ou sem descendentes; no NT, *de nascimento humilde, ignóbil, desprezível,* 1Co 1.28; op. a εὐγενής em v. 26. | Plut. Pericl. 24. Pol. 5. 111. 3.

ἁγιάζω fut. άσω, (ἅγιος) não encontrado em autores gregos, mas frequentemente na LXX para קָדַשׁ. No NT, pr. *tornar* ἅγιον.
1. *tornar limpo, limpar,* p.ex., cerimonialmente, Hb 9.13 ἁγιάζει πρὸς τὴν τῆς σαρκὸς καθαρότητα. Trop. num sentido moral, *purificar, santificar*; Rm 15.16 *para que a oferta dos gentios seja aceitável,* ἡγιασμένη ἐν πνεύματι ἁγίῳ, *sendo purificada pelo Espírito Santo,* ou seja, pelas influências santificadoras do Espírito Santo no coração dos gentios. 1Co 6.11; Ef 5.26; 1Ts 5.23; 1Tm 4.5; Hb 2.11; 10.10,14,29; 13.12; Ap 22.11. Donde οἱ ἡγιασμένοι, *aqueles que foram santificados,* dito dos cristãos em geral, At 20.32; 26.18; 1Co 1.2; Jd 1. Também 1Co 7.14 (2x) ἡγίασται ὁ ἀνὴρ ... ἡγίασται ἡ γυνή, o marido ou a esposa não-crente *é limpado* ou *santificado,* ou seja, deve ser con-

siderado não como impuro, nem como um idólatra, mas como ligado à comunidade cristã. *Vide* ἅγιος n.º 1 | Donde, *considerar* ou *respeitar como sagrado, santificar*, pass. Mt 6.9 ἁγιασθήτω τὸ ὄνομά σου. Lc 11.2; 1Pe 3.15. LXX para קָדַשׁ Is 8.13; 29.23.

2. *tornar sagrado* ou *santo, consagrar*, pôr à parte do uso comum para um uso sagrado; uma vez no ritual judaico, isto era um grande objetivo das purificações; p.ex., coisas, Mt 23.17 ὁ ναὸς ὁ ἁγιάζων τὸν χρυσόν. 23.19; 2Tm 2.21 σκεῦος ἡγιασμένον. LXX para קִדֵּשׁ Lv 8.10ss.,30. | De pessoas, *santificar e pôr à parte, consagrar*, como sendo separado por Deus e enviado por ele para a execução de sua vontade, e assim inclui a ideia de santidade. Jo 10.36 ὃν ὁ πατὴρ ἡγίασε, *a quem o pai consagrou e enviou ao mundo*. 17.17 ἁγίασον αὐτοὺς ἐν τῇ ἀληθείᾳ σου, *consagra-os em* ou *mediante tua verdade*, ou seja, a pregação de tua verdade, i.q. ἐν τῷ λόγῳ (cp. v. 18), v. 19 (2x). Assim Sr 45.4; 49.7.

ἁγιασμός, ου, ὁ (ἁγιάζω) não encontrado em escritores gregos; no NT, *santificação, pureza* de coração e vida, *santidade*, Rm 6.19,22; 1Ts 4.3-4,7; 1Tm 2.15; Hb 12.14. Donde 2Ts 2.13 ἐν ἁγιασμῷ πνεύματος, *em santificação do espírito*, ou seja, produzida pelo Espírito Santo. 1Pe 1.2. Meton. *a causa* ou *o autor desta santificação*, 1Co 1.30. | LXX 'consagração' para חַקְדֵּשׁ Jz 17.3.

ἅγιος, ία, ιον raramente encontrado em escritores áticos, que preferem ἁγνός, mas frequentemente na LXX para קָדוֹשׁ e קִדֵּשׁ. Donde a ideia primária é *puro, limpo* (*vide* em ἁγιάζω n.º 1. Gesen. Heb. Lex. art. קָדוֹשׁ, קָדַשׁ) como ἁγνός, porém adiciona mais da noção de respeito e veneração, que na última é menos proeminente; *vide* Tittm. de Synon. N. T. p. 21ss.

1. *puro, limpo*, ou seja, cerimonial ou moralmente limpo, e também digno de respeito, reverência, veneração; assim de um sacrifício, θυσία, *sem mácula, santo*, Rm 12.1. Metaf. *moralmente puro, correto, irrepreensível* no coração e na vida, *santo*; Mc 6.20 Ἰωάννην ... ἄνδρα δίκαιον καὶ ἅγιον. 1Co 7.34; Ef 1.4; 5.27; ὁ νόμος Rm 7.12; al. LXX para קָדוֹשׁ Lv 11.44. (Platão Soph. p. 249. a, σεμνὸν καὶ ἅγιον νοῦν οὐκ ἔχον). Esp. daqueles que são purificados e santificados pelas influências do Espírito, *um santo*; e como isto é assumido de todos que professam o nome cristão, por esta razão ἅγιοι, *santos, cristãos*, At 9.13 cp. v. 14; 9.32,41; 26.10; Rm 1.7; 8.27; al. Donde usado para aqueles que devem de alguma maneira ser considerados ligados à comunidade cristã, 1Co 7.14; *vide* ἁγιάζω n.º 1. Assim ἅγιον φίλημα, *o sagrado beijo cristão*, o penhor da afeição cristã, Rm 16.16; 1Co 16.20; 2Co 13.12. | Enfát. *santo, consagrado, digno de reverência e veneração*; p.ex., Deus, Jo 17.11; Ap 4.8; 6.10. LXX para קָדוֹשׁ Is 5.16; 6.3. Assim de seu nome, Lc 1.49. LXX para קֹדֶשׁ Lv 22.2. Assim τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον, *o Espírito Santo*, Mt 1.18, e muito frequentemente; *vide* πνεῦμα. Lc 1.72 διαθήκη ἁγία. Rm 1.2 ἐν γραφαῖς ἁγίαις. LXX para קֹדֶשׁ Dn 11.28,30.

2. *consagrado, sagrado, santo*, separado do uso comum para um uso sagrado, pertencente a Deus; usado para lugares, templos, cidades, o sacerdócio, homens etc. Mt 4.5; 7.6; 24.15; 27.53; At 7.33; Ap 11.2. Assim de pessoas, ἀπαρχὴ ἁγία Rm 11.16; Lc 2.23; apóstolos, Ef 3.5; profetas, Lc 1.70; Atos 3.21; 2Pe 1.21; anjos, Mt 25.31; 1Ts 3.13; al. Assim do templo, At 6.13; 21.28. Donde τὸ ἅγιον *o santuário*, usado para o tabernáculo ou para o templo, Hb 9.1; mais frequentemente pl. τὰ ἅγια, *o santuário*, seja terrestre Hb 9.2, ou celestial Hb 8.2; 9.8,12,24; 10.19; Hb 9.3 τὰ ἅγια ἁγίων, o santo dos santos, o santuário interior; *vide* Heb. Gr. § 117. Winer § 37. 2. LXX para קֹדֶשׁ קָדָשִׁים Êx 26.33; 2Cr 3.8ss.; 5.7ss. | Xen. Hell. 3. 2. 19 ἱερὸν μάλα ἅγιον. +

ἁγιότης, ητος, ἡ (ἅγιος) pr. *pureza,* no NT metaf. *santidade* de vida, *santidade* Hb 12.10. | 1Mc 15.2. Sobre substantivos em -ότης *vide* Lobeck ad Phryn. p. 350.

ἁγιωσύνη, ης, ἡ (ἅγιος) para o comum ἁγιοσύνη, pr. i.q. ἁγιότης.
1. Metaf. *pureza espiritual, santidade,* 2Co 7.1; 1Ts 3.13.
2. *o ser digno de veneração e adoração,* ou seja, *santidade, majestade*. Rm 1.4; πνεῦμα ἁγιωσύνης, ou seja, o estado espiritual de exaltação e majestade de Cristo como Messias, em antítese a κατὰ σάρκα no versículo precedente; cp. 1Tm 3.16. LXX para קֹדֶשׁ Sl 97.12; mas também para עֹז Sl 96.6, e para הוֹד Sl 145.6. Para o gen. em vez de um adj. *vide* Winer § 34. 2. b. Buttm. § 132. n. 12. Heb. Gr. § 104. 1.

ἀγκάλη, ης, ἡ *o braço,* Lc 2.28, cp. Mc 9.36. LXX para חֵיק 1Rs 3.20. | Plut. Amator. 10. Xen. Cyr. 7. 5. 50.

ἄγκιστρον, ου, τό (afin. ἄγκυρα) *um anzol,* Mt 17.27. LXX para חָח 2Rs 19.28; חַכָּה Hc 1.15. | Ælian. V. H. 1. 5. Plat. Soph. 220. c.

ἄγκυρα, ας, ἡ (afin. ἄγκος) *uma âncora,* At 27.29-30,40. Trop. Hb 6.19. | Plut. Pomp. 50. Xen. Anab. 3. 5. 10.

ἄγναφος, ου, ὁ, ἡ adj. (α priv. γναφεύς) *ainda não completo* ou *vestido*; donde *novo,* Mt 9.16; Mc 2.21; i.q. καινός em Lc 5.36.

ἁγνεία, ας, ἡ (ἅγνος) pr. *pureza, retidão,* Platão Legg. 917. b. | No NT, *pureza, castidade,* 1Tm 4.12; 5.2. Assim Jos. Ant. 3. 5. 1. Soph. Œd. R. 864. Antiph. 116. 11.

ἁγνίζω fut. ίσω (ἁγνός) **1.** *purificar, tornar limpo,* p.ex., cerimonialmente, c. ac. Jo 11.55 ἁγνίζειν ἑαυτόν, preparar-se *mediante purificação* para as festas sagradas; o que era praticado entre os judeus ao visitarem o templo. oferecendo orações, abstendo-se de determinados tipos de comida, lavando suas vestes, banhando-se, raspando a cabeça etc. Cp. Êx 19.10,14ss. LXX para טָהֵר 2Cr 29.16,18; קִדֵּשׁ Êx 19.10. | Plut. Quæst. Rom. 1. Soph. Aj. 656.
2. Méd. ἁγνίζομαι, pass. perf. e 1.º aor. ἥγνισμαι, ἡγνίσθην, com um signif. méd. *agere castimoniam, tomar sobre si um voto de abstinência,* com o propósito de maior santidade, como um nazireu, At 21.24,26; 24.18. Os judeus estavam acostumados, quando sob um voto deste tipo, a guardarem-se de toda poluição; e quando este tempo se findasse, eles estariam livres da obrigação de seu voto mediante um sacrifício específico; Nm 6.2-21. LXX para נָזַר hifil Nm 6.3. *Vide* Lighfoot Hor. Heb. p. 1078. | Trop. *tornar puro, limpar* num sentido moral, c. ac. Tg 4.8 ἁγνίσατε καρδίας. 1Pe 1.22 τὰς ψυχὰς ὑμῶν ἡγνικότες. 1Jo 3.3. Assim Apolodoro 2. 928.

ἁγνισμός, οῦ, ὁ (ἁγνίζω) *uma purificação,* ou seja, cerimonial, LXX para טַהֲרָה e חַטָּאת Nm 8.7-8. Dion. Hal. Ant. 3. 22. | No NT, *abstinência,* como resultado de um voto, At 21.26, *vide* em ἁγνίζω n.º 2. LXX para נֵזֶר Nm 6.5; נָזִיר Am 2.11.

ἀγνοέω, ῶ fut. ήσω (α priv. νοέω) *não perceber, desconhecer.*
1. Gen. *desconhecer, ignorar,* com ac. de pess. At 17.23; ac. de coisa, Rm 10.3; 11.25; 2Co 2.11. (Xen. Mem. 3. 5. 23. ib. 4. 2. 25). Com ὅτι, Rm 1.13; 6.3; 7.1; 1Co 10.1; ὑπέρ τινος ὅτι, 2Co 1.8. (Xen. Ag. 5. 6). Também περί τινος 1Co 12.1; 1Ts 4.13. Em 2Pe 2.12 ἐν οἷς ἀγνοοῦσι βλασφημοῦντες é por atração para ἐν τούτοις, ἃ ἀγνοοῦσι, βλασφημοῦντες. Winer § 63. Abs. 1Tm 1.13; 1Co 14.38 εἰ δέ τις ἀγνοεῖ, ἀγνοείτω. (Outros aqui, *agir insensatamente,* como LXX para נוֹאַל Nm 12.11). Part. pass. ἀγνοούμενος, c. dat. *desconhecido para* alguém, Gl 1.22; abs. *desconhecido, ignóbil,* 2Co 6.9. Esp. part. οἱ ἀγνοοῦντες, usado para aqueles

que pecam por ignorância ou cegueira, *o ignorante, o pecaminoso*, Hb 5.2; cp. Os 4.6. LXX para שְׁגָגָה, שְׁגָגַ, Lv 4.13; 5.18. | Pol. 5. 11. 5.

2. Esp. *não entender, não apreender* ou *compreender*, c. ac. Mc 9.32 οἱ δὲ ἠγνόουν τὸ ῥῆμα. Lc 9.45; At 13.27; ὅτι Rm 2.4. | Soph. Trach. 78. Xen. Mem. 1. 2. 33.

ἀγνόημα, ατος, τό (ἀγνοέω) pr. *ignorância, erro involuntário*, Teofr. H. Pl. 9. 4. 8. LXX para מִשְׁגֶּה Gn 43.12. | No NT, *erro, pecado*, Hb 9.7. Assim Tb 3.3. Diod. Sic. 1.1.

ἄγνοια, ας, ἡ (ἀγνοέω) *ignorância*, At 3.17. (Xen. Mem. 1. 2. 34). Usado para a ignorância de Deus e de coisas divinas, At 17.30; Ef 4.18; 1Pe 1.14.

ἁγνός, ή, όν *puro, limpo*; ἅγνος εἰμὶ χεῖρας Eurip. Orest. 1620. | No NT, trop. *puro, inocente, irrepreensível*; 2Co 7.11 ἁγνοὺς εἶναι ἐν παντὶ πράγματι. Fp 4.8; 1Tm 5.22. (Hdian 1. 11. 12). Também *modesto, casto*, 2Co 11.2; Tt 2.5; 1Pe 3.2. (Xen. Conv. 8. 15). Esp. de Deus, *puro, perfeito, santo*, 1Jo 3.3; de sua σοφία, Tg 3.17; cp. Sb 7.22ss. LXX para טָהוֹר Sl 12.7; 19.10.

ἁγνότης, τητος, ἡ (ἁγνός) pr. *pureza*; trop. *asseio* de vida, 2Co 6.6.

ἁγνῶς adv. *com intenção pura, sinceramente*, Fp 1.16 ou 17. | Hesiod. Op. et D. 339 ἁγνῶς καὶ χαθαρῶς.

ἀγνωσία, ας, ἡ (α priv. γνῶσις) *ignorância*, Tuc. 8. 66. | No NT, *ignorância intencional, cequeira*; 1 Co 15.34 ἀγνωσίαν θεοῦ. 1Pe 2.15. LXX Jó 35.16; Sb 13.1.

ἄγνωστος, ου, ὁ, ἡ adj. (α priv. γνωστός) *desconhecido*; At 17.23 ἀγνώστῳ θεῷ, *para um deus desconhecido*, ou seja, um deus cujo nome fosse desconhecido, não necessariamente o Deus dos judeus. | Sb 11.19. Hdian 1. 1. 14. Plut. Cato Maj. 1.

ἀγορά, ᾶ, ἡ (ἀγείρω) *um lugar de afluência pública*, em cidades pequenas e grandes; qualquer lugar aberto, onde as pessoas se reuniam tanto para negociar quanto para sentar-se e conversar. Nas cidades orientais, tais lugares abertos se achavam para dentro dos portões; e aqui os negócios públicos se efetuavam, e os tribunais se realizavam, como também os mercados; *vide* Rt 4.11; Ne 8.16. Heb. Lex. art. שַׁעַר. | Donde no NT, *um lugar, mercado, praça*, At 16.19; 17.17; Mt 11.16 e Lc 7.32; Mt 20.3; 23.7; Mc 6.56; 12.38; Lc 11.43; 20.46. LXX para שׁוּק rua aberta Ec 12.4-5. (Plut. Demetr. 12. Xen. Conv. 8. 21. Mem. 4. 2. 1); Mc 7.4 καὶ ἀπὸ ἀγορᾶς [ἐλθόντες] ἐὰν μὴ βαπτίζωνται, οὐκ ἐσθίουσι, *e [vindo] do mercado, se não se lavarem, eles não comem*; *vide* Winer § 66. III. e. Sr 31.25 βαπτίζόμενος ἀπὸ νεκροῦ. Arr. Epict. 3. 19 ἂν μὴ εὕρωμεν φαγεῖν ἐκ βαλανείου. Outros aqui tomam ἀγορά como i.q. *coisas vendidas no mercado*, provisões, e traduzem: *daquilo que vem do mercado, se não lavarem* isso, *eles não comem*; *vide* Krebs Obss. p. 85. Winer l.c. Assim ἀγορά para grãos Jos. Ant. 14. 16. 2.

ἀγοράζω fut. άσω (ἀγορά) *comprar ou vender no mercado*, Hdot. 2. 35 αἱ μὲν γυναῖκες ἀγοράζουσι καὶ καπηλεύουσι. No NT,

1. *comprar, adquirir*, c. ac. Mt 13.44 τὸν ἀγρὸν ἐκεῖνον. v. 46; Mc 15.46; 16.1; al. (Plut. de Fortun. 1. Xen. An. 5. 7. 13). Com ac. e dat. Mt 14.15 ἑαυτοῖς βρώματα. Mc 6.36; ac. impl. Lc 9.13; Mt 21.12; 25.9-10; Lc17.28; 19.45. LXX para קָנָה Is 24.2; שָׁבַר Gn 41.57. (Xen. An. 1. 5. 10). Ademais, ac. e gen. de preço, Mc 6.37 ἀγοράσωμεν δηναρίων διακοσίων ἄρτους. (Sr 20.12). Também ac. e ἐκ c. gen. de preço, Mt 27.7 ἠγόρασαν ἐξ αὐτῶν τὸν ἀγρόν. (Palæph. Fab. 46). Assim também ac. e παρά τινος, Ap 3.18; LXX Ne 10.31.

2. Trop. de pessoas, *comprar, remir*, por um preço ou resgate pago; usado para

aqueles redimidos pelo sangue de Cristo da escravidão do pecado e da morte; c. ac. 2Pe 2.1 καὶ τὸν ἀγοράσαντα αὐτοὺς δεσπότην ἀρνούμενοι. Pass. com gen. de preço, 1Co 6.20 ἠγοράσθητε γὰρ τιμῆς. 7.23. Também com ac. e dat. e ἐν de preço, Ap 5.9 ἠγόρασας τῷ θεῷ ἡμᾶς ἐν τῷ αἵματί σου. (LXX para קָנָה 1Cr 21.24). Pass. com ἀπό τινος Ap 14.3-4. +

ἀγόραιος, ου, ὁ, ἡ adj. (ἀγορά) pr. *pertencente ao mercado,* Platão Rep. 425. c; *um homem do mercado,* Hdot. 1. 93. | No NT,
1. De pessoas que se demoram nos mercados e nos lugares públicos, *um ocioso, preguiçoso,* vulg. *um vadio,* At 17.5. | Xen. Hell. 6. 2. 23 τὸν ἀγόραιόν τε ὄχλον. Platão Prot. 347. c.
2. De tempo ou dias como retidos em público, *um dia de audiência de tribunal, dia judicial;* At 19.38 ἀγόραιοι ἄγονται sc. ἡμέραι. Assim Jos. Ant. 14. 10. 21 ἄγοντι τὸν ἀγόραιον. Strabo 13. p. 629. a. | Algumas edições em At 19.38 têm ἀγόραιοι, mas sem boa razão; *vide* Winer § 6. 2.

ἄγρα, ας, ἡ *uma caça, captura,* Xen. Ven. 1. 1. | No NT, somente de *pesca,* Lc 5.4. Meton. *redada* de peixes, Lc 5.9. Assim Hom. Od. 12. 330. Plut. Timol. 20; meton. Xen. Cyr. 2. 4. 19.

ἀγράμματος, ου, ὁ, ἡ adj. (α priv. γράμμα) *iletrado, inculto,* At 4.13. Se aqui se refere antes à literatura e erudição judaicas; cp. Jo 7.15. | Diod. Sic. 12. 13. Xen. Mem. 4. 2. 20.

ἀγραυλέω, ῶ fut. ήσω (ἄγραυλος, ἀγρός, αὐλή) *permanecer* ou *viver fora de casa, nos campos* ou *na zona rural, sub dio agere;* abs. Lc 2.8 ποιμένες ἦσαν ... ἀγραυλοῦντες. Parthen. Erot. c. 29 βουκολῶν κατὰ τὸν Αἴτνην χείματός τε καὶ θέρους ἠγραύλει. Strabo 4. p. 197. Plut. Numa 4.

ἀγρεύω fut. εύσω (ἄγρα) *capturar numa caçada,* Xen. Anab. 5. 3. 8. LXX Jó 10.16. | No NT, trop. *apanhar numa armadilha, enganar,* mediante questões insidiosas, c. ac. Mc 12.13. LXX para לָכַד Pv 5.22; לָכַד Pv 6.25.

ἀγριέλαιος, ου, ὁ (ἄγριος, ἐλαία) *uma oliveira agreste, oleastro, zambujeiro,* i.q. κότινος, Rm 11.17,24. A oliveira silvestre dá pouco ou nenhum fruto, e assim é contrastada por Paulo com a oliveira cultivada, καλλιέλαιος. | Teofr. H. Pl. 2. 2. 5.

ἄγριος, ία, ιον adj. (ἀγρός) *selvagem,* p.ex., animais Pol. 12. 4. 1. Xen. An. 1. 2. 7. | No NT, *silvestre,* p.ex.,
1. De mel, μέλι ἄγριον *mel silvestre* Mt 3.4; Mc 1.6. Deve se entender aqui o mel de abelhas silvestres, feito em árvores ocas ou fendas das rochas, i.q. *mel tirado da rocha* Sl 81.17; Dt 32.13; ou como o mel e o favo de mel mencionado em 1Sm 14.25-27; cp. Jz 14.8; Pv 25.16. Maundrell viu muitas abelhas sobre as flores entre Jericó e o mar Morto (p. 115); e Forskal observa que ele muitas vezes viu mel escorrendo em bosques da Arábia; Descr. Animal. p. xxiii. Cp. Diod. Sic. 17. 75. Jos. B. J. 4. 8. 3. καὶ μελιττοτρόφος δὲ ἡ χώρα, ou seja, a região de Jericó. | Outros entendem *substância doce,* encontrada na Arábia e em outras regiões da Ásia sobre as folhas de determinadas espécies de árvores, e similar ao atual maná do Sinai; *vide* Teofr. H. Plant. 3. 9. Plin. H. N. 12. 18. ib. 16. 11. Diod. Sic. 19. 94. Mas a evidência é muito peuqena de que alguma vez isto tenha sido comum na Judeia, e especialmente nos desertos elevados à oeste do mar Morto; Burckhardt Syria p. 392. *Vide* Bochart Hieroz. II. 518ss. Œdmann Verm Samml. VI. p. 136. Rosenm. Alterthumsk. IV. ii. p. 425. Winer Realw. art. *Honig.*
2. De ondas, *bravias, violentas, tempestuosas,* um símbolo de homens perversos, Jd 13. | Sb 14.1 ἄγρια κύματα. Platão Legg. 919. a, ὑπὸ χειμώνων ἀγρίων.

ʼΑγρίππας, α, ὁ *Agripa, vide* Ἡρώδης.

ἀγρός, οῦ, ὁ *um campo,* ou seja, **1.** *o campo aberto, a zona rural,* em distinção à cidade grande ou pequena, Mt 24.18 ὁ ἐν τῷ ἀγρῷ. Mc 15.21; Lc 17.7; 23.26; como incluindo terra cultivada, pasto, pastagem, Mt 6.28,30; Lc 12.28; 15.15; LXX Gn 2.5; 2Rs 8.6. (Xen. Œc. 11. 15, 16). Esp. *um campo* cultivado, mas na Palestina não-fechado, Mt 13.24,27,31; Lc 15.25; al. LXX para שָׂדֶה Rt 2.17,23. (Xen. Mem. 1. 1. 8). Pl. *campos*, i.q. *uma fazenda, fazendas, terra*; Mt 19.29 ὅστις ἀφῆκεν ... ἢ τέκνα ἢ ἀγρούς. Mc 10.29-30; sing. id. At 4.37. LXX e שָׂדֶה 2Rs 8.3,5. Assim Xen. Mem. 3.9. 11. | Donde
2. Pl. ἀγροί, *fazendas,* i.q. *vilas, aldeia,* no campo, Mc 5.14; 6.36,56; LXX para שָׂדֶה Ne 11.30. | Xen. Hell. 4. 7. 3. +

ἀγρυπνέω, ῶ fut. ήσω (ἄγρυπνος, α priv. ὕπνος) *estar sem sono, vigiar,* Plut. Themist. 3. Xen. Mem. 2. 1. 3. | No NT, trop. *estar acordado, vigilante, vigiar,* abs. Mc 13.33; Lc 21.36; Ef 6.18; c. ὑπέρ τινος *sobre* qualquer um, Hb 13.17. Assim Sb 6.15. LXX Ed 8.29.

ἀγρυπνία, ας, ἡ *uma vigília, falta de sono,* 2Co 6.5; 11.27. | 2Mc 2.26. Plut. Philopœm. 3. Xen. Mem. 4. 5. 9.

ἄγω fut. ἄξω At 22.5; 1Ts 4.14, também Xen. An. 4. 8. 12, e frequentemente na LXX como Êx 22.13; Nm 3.15; mas a forma usual é fut. ἄξομαι, Buttm. § 113. 5. Winer § 15. Lob. ad Phryn. p. 287, 735; 2.º aor. com redupl. ἤγαγον Buttm. § 85. n. 3; pass. 1.º aor. ἤχθην; *guiar, conduzir*. LXX frequentemente para הוֹלִיךְ, הֵבִיא.
1. Pr. de pessoas e coisas em vários sentidos: **a)** *conduzir* ou *levar a* uma pessoa ou lugar; com ac. impl. e dat. Mt 21.2 ἀγάγετέ μοι. (1Mc 7.2). Assim ἄγειν ἔξω c. ac. e dat. Jo 19.4,13; ἄγειν ὧδε c. ac. Lc 19.27. Com ac. e prep. como ἐπί τινα de pessoa ou lugar, *conduzir para, trazer perante,* Mt 10.18; Lc 21.12; 23.1 ; At 17.19; 18.12; também ἐπὶ σφαγήν At 8.32 de LXX Is 53.7; LXX Êx 22.13; Jr 25.9. Também πρός τινα, *conduzir* ou *trazer a* alguém, *adducere,* Mc 11.7; Lc 4.40; 18.40; 19.35; Jo 1.43; 8.3; 9.13; At 9.27; 23.18 (2x); LXX Gn 2.19,22. (Xen. Cyr. 4. 6. 1). Com ἕως c. gen. de lugar, Lc 4.29; At 17.15. Com ac. simplesmente, id. Mt 21.7; Mc 11.2; Lc 19.30; Jo 7.45; 10.16; At 5.21,26-27; 19.37; 20.12; 25.6,17,23. **b)** *levar* ou *trazer com* alguém, p.ex., ἄξει σὺν αὐτῷ 1Ts 4.14 cp. v. 17; ἄγε μετὰ σεαυτοῦ 2Tm 4.11; simplesmente c. ac. impl. At 21.16 ἄγοντες παρ' ᾧ ξενισθῶμεν Μνάσωνι, *levando* com eles *Mnasom,* por atração para Μνάσωνα, *vide* Buttm. § 143. 4. Kühn § 657. Jos. Ant. 10. 9. 6. ἀπῆρεν εἰς τὴν Αἴγυπτον ἄγων καὶ τὸν Ἱερεμίαν. Platão Soph. 216. a. **c)** *guiar para fora* ou *longe, deducere*; c. ac. simplesmente, Mc 13.11 ὅταν δὲ ἄγωσιν ὑμᾶς παραδιδόντες. Lc 22.54; pass. Lc 23.32; também com εἴς τινα de lugar etc. *a* que, Lc 4.1,9; 10.34; Jo 18.28; At 6.12; 9.2; 11.25; 21.34; 22.5.[24]; 23.10,31; εἰς τὸν δῆμον At 17.5; εἰς δόξαν Hb 2.10. (Jos. Ant. 2. 7. 3 εἰς ἀπόλαυσιν ἀγαθῶν ἤγαγον τοῦτον). Com ἐπί τινα de pessoa. At 9.21; abs. Jo 19.16. **d)** Por hebr. *produzir,* ou seja, *fazer vir, levantar*; At 13.23 em edições posteriores: ἤγαγε τῷ Ἰσραὴλ σωτῆρα Ἰησοῦν, onde outros ἤγειρε. LXX para הֵבִיא Zc 3.8; Is 46.11. **e)** Trop. *liderar, incitar, induzir*; com ac. e εἰς, Rm 2.4 εἰς μετάνοιαν σε ἄγει. (Pol. 5. 16. 2 εἰς μετάνοιαν ἄξειν τὸν βασιλέα). Pass. 1Co 12.2 ὡς ἂν ἤγεσθε *tal como éreis conduzidos,* sc. para a idolatria. Também ἄγεσθαι πνεύματι θεοῦ Rm 8.14; Gl 5.18; ἄγ. ἐπιθυμίαις 2Tm 3.6. Assim Dem. 228. 11 τοῖς ἔξωθεν λόγοις ἠγμένος.
2. Intrans. com ἑαυτόν ou o similar implícito, *dar início, partir, ir embora*; *vide* Buttm. § 130. n. 2. Kühn. § 338. b. Assim subj. ἄγωμεν, *vamos,* Mt 26.46; Mc 14.42; Jo 11.16; ἄγωμεν ἐντεῦθεν Jo 14.31; *vide* Buttm. § 139. n. 1. 2. Com εἴς τινα de lugar Mc 1.38; Jo 11.7; πρὸς τινά de pessoa Jo 11.15. | Dem. 608. 14. Xen. Hell. 4. 2. 18, 19.